

Director, editor e proprietário
M. Dias Pinto de Castro
—
edacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4315

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4381
—
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

Vida Municipal A Câmara no Tournal CARTA DO BRASIL

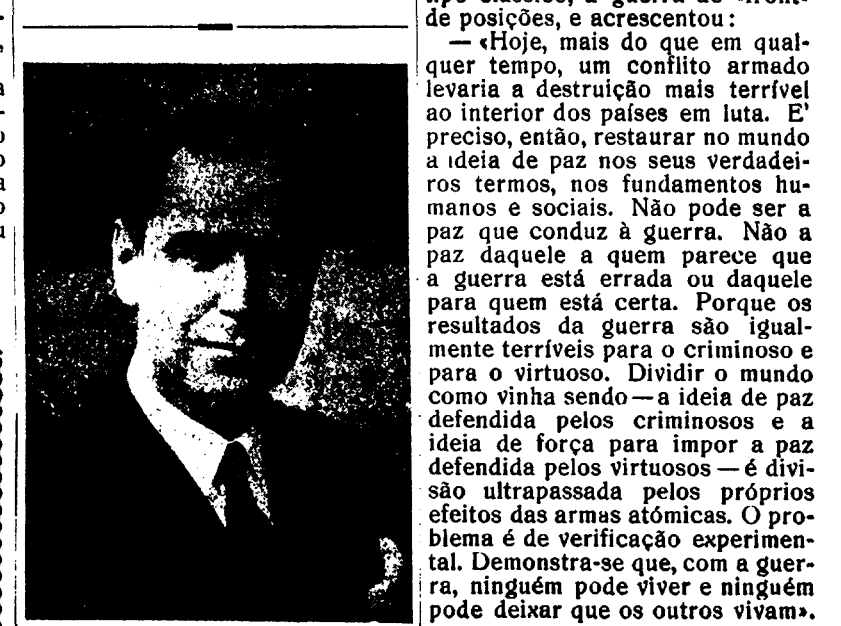
Rio de Janeiro, 2, (por via-aérea)

A energia atômica e o mundo moderno

Num discurso proferido no Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio, do Rio de Janeiro, o prof. Hermes Lima, individualidade de grande relevo na vida nacional brasileira, focou os factos mais relevantes relacionados com o desenvolvimento da energia atômica, desde o dia em que, no deserto do Novo México, pela primeira vez, explodiu uma bomba atômica, passando pelas deflagrações de Hiroshima e Nagasaki e pelas várias experiências depois realizadas, até à actualidade — em que se encara de maneira mais insistente o emprego da cisão dos átomos ao serviço do bem estar da Humanidade.

— Cada canhão feito, cada navio de guerra lançado, cada tiro desfechado, significa, em última análise, um roubo aos que têm fome e não são alimentados, aos que têm frio e não se podem vestir. Este mundo em armas não está a gastar só dinheiro. Está a gastar também o suor dos trabalhadores, o génio dos cientistas, as esperanças dos seus filhos. Por um avião apenas de caça, pagamos 500 mil alqueires de trigo. Por um único destróier, pagamos o relativo a um número de casas que dariam para abrigar 8 mil pessoas. Isto não é maneira de viver, em sentido algum. Sob as nuvens ameaçadoras da guerra, é a humanidade que está sendo pregada numa cruz de ferro.

Prosseguindo, o prof. Hermes Lima analisou outros aspectos do problema da energia atômica e, antes de concluir, apresentou algumas perspectivas sombrias. Disse que já foi superada a guerra de tipo clássico, a guerra de «front» de posições, e acrescentou: — «Hoje, mais do que em qualquer tempo, um conflito armado levaria a destruição mais terrível ao interior dos países em luta. É preciso, então, restaurar no mundo a ideia de paz nos seus verdadeiros termos, nos fundamentos humanos e sociais. Não pode ser a paz que conduz à guerra. Não a paz daquele a quem parece que a guerra está errada ou daquele para quem está certa. Porque os resultados da guerra são igualmente terríveis para o criminoso e para o virtuoso. Dividir o mundo como vinha sendo — a ideia de paz defendida pelos criminosos e a ideia de força para impor a paz defendida pelos virtuosos — é divisão ultrapassada pelos próprios efeitos das armas atômicas. O problema é de verificação experimental. Demonstra-se que, com a guerra, ninguém pode viver e ninguém pode deixar que os outros vivam».



EMBAIXADOR
Dr. António de Faria

CONSELHEIRO
Raúl Cunha

O sr. Conselheiro Dr. Raúl Alves da Cunha, ilustre Juiz da Irmandade de S. Torcato, teve a gentileza de vir anteaquem à nossa redacção agradecer a nossa presença na homenagem que lhe foi prestada e, ainda, as referências feitas, a propósito, no nosso último número.

A visita do ilustre Magistrado e nosso querido amigo muito nos honrou, pelo que aqui a registamos e agradecemos.

Carta a UMA SENHORA

Minha Senhora:

Quando a falta de saúde e outras contrariedades constituem o *paço* nosso de cada dia, falta-nos a disposição necessária para exigirmos do espírito e até do cérebro o que fora dessas circunstâncias seríamos capazes de conseguir. Pois bem, minha Senhora, eu tenho sido vítima desse ambiente de que lhe falei, não obstante não me ter faltado o aconchego da família, razão por que não lhe escreveria esta carta se não tivesse a preocupação de a prevenir do perigo a que pode sujeitar-se uma vez que não tome as aconselhadas precauções contra as cascas de laranja nos passeios, armadilha que, infelizmente, não só impressiona mal, como também pode ocasionar graves incidentes, como há dias sucedeu.

Eu lhe conto: Na semana transacta, passava eu numa das ruas principais da cidade e notei que muitas pessoas comentavam certo acontecimento. Com aquela curiosidade que é própria do ser humano, aproximei-me dessas pessoas, en-

Previsões e realidades

Ovelhos almanaques populares usam abrir as sus edições com um substancioso *juízo do Ano*. A p. das previsões hortengas dos pepios, aihos e feijões, também discorriam sobre a influência do lunho na vida civil.

Aimagem e semelhança destes proltantes de pacotilha, há moderadamente uns *bandarras sem trippa* que também predizem futuro.

Sm consultar estes feiticeiros graosos, arrisco de conta própri encarando a vida municipal, algis prognósticos sobre o que posm vir a ser os melhoramentos-tostidatidos dentro do ano de 1956.

Cpjectos que andam incubados;ão inúmeros! Eles correm por em promissor caudal. Bastarique 50%, desses projectos alcasse a realidade para nos conterarmos na plenitude da sorte gnde.

Evidente que as receitas muniicis ordinárias não oferecem... panpara mangas. E como ainda se ñ chegou à extrema perfeição de omover melhoramentos sem desogadas receitas, há que contar m recursos extraordinários, de alquer destas três fontes:

a) Os que provém do Estado sobrubrica de comparticipações;

b) Aqueles que derivam dum empstimo negociado em boas conções;

c) Finalmente, lograr a ventura de v o Estado tomar a si, totalmente, a efectivação de obras de característico relevo histórico, de valzação nacional.

Eor que não se observar esta última perspectiva?

Snos vissemos o Estado prompor em Guimarães, por sua iniciata, notáveis obras de renascimen histórico, não seria isso corr atrás de vã quimera.

Veu é um exemplo à vista. O Mintério das Obras Públicas fez na jtria de Viriato uma notável interaçção dos seus valores nacionais

P. que não antevisionar no vestuburgo de Guimarães, na sua fisionomia arcaica, uma iniciativa semeante?

Aida há pouco um ilustre deputao pronunciando-se a propósito e erros de centralização, assim fhou:

«...Vejo na attitude do sr. Ministri das Obras Públicas um passu decidido para que o erro se ñ firme. Melhorar, engranlecer, embelezar as terras a provincia, é dar-lhes conções de progresso e de riqueza, aumentar-lhes a vida.

Nãse trata, no caso em referência de mera doutrina. Já o Estado ntrou na efectivação desta ideia - «melhorar, engrandecer, embelezar as terras da provincia», naquib que elas oferecem de puramentenacionalista.

Na realidade ninguém pode desaprovar esta política administrativa do Estado, que é o engrandecimento das terras da provincia, naquiea parte onde a sua fisionomia arquitectónica de antigamente anda obliterada, com manifesto prejuizo do património monumental do País. Foi este o pensamento expresso no discurso do sr. deputado dr. Cerqueira Gomes.

Guimarães oferece, além da sua consagrada colina onde assenta o Castelo, outros núcleos citadinos de onde se podem surgir aspectos da vetusta urbe vimaranense. Neles ressalta, bem patente, a ideia nacional.

Para bem da nossa terra e prestigio da política nacionalista em que o Governo está empenhado, já se fez no espirito do sr. Ministro a decisão de votar uma equipa de engenheiros e architectos ao estudo deste problema: a valorização daquelas terras portuguesas de feição histórica.

Veremos entre nós realizar-se neste sentido algum empreendimento de vulto?

Para já, adentro do ano que se inicia, apenas se pode conjecturar o compemento do Parque do Castelo.

Com efeito, tudo nos diz que essa notável obra do Estado prosseguirá em bom ritmo. Estando a caminha de conclusão o saneamento do clamado bairro da Arcela, é evidente que se lhe seguirá o desaparecimento das casas de Santa

Cruz, e todas as demais que o plano abrange.

No dia em que esta obra se dê por concluída, bem podemos afirmar que Guimarães passará a ser um dos centros principais de atracção turística do país, não só pela grandeza monumental do referido Parque do Castelo, como pelo seu significado evocativo — épicaamente tão singular, que não sei se há outro semelhante!

Depois desta obra concluída há na cidade de Guimarães outros núcleos urbanísticos que enquadram monumentos, os quais podem entrar na tal política de valorização de terras portuguesas, de que falou o ilustre deputado, exalçando a orientação do sr. Ministro das Obras Públicas.

Veremos, no próximo número, outros aspectos referentes a melhoramentos previstos para o ano corrente.

A. L. DE CARVALHO.

O NATAL DOS NOSSOS POBRES

e a acção beneficente do «Notícias»

Já depois de encerrada a nossa subscrição a favor do *Natal dos nossos pobres*, recebemos da Família Vilas, desta cidade, a quantia de 20\$00, e do Rev. P.º Horácio de Araújo, Abade de Ronfe, Esc. 20\$00, elevando-se assim o total da mesma subscrição a Esc. 22.352\$50.

Com essa avultada soma, que nos foi confiada por muitos dos nossos leitores e amigos, contemplamos:

Presos da Cadeia Civil	200\$00
Conferências de S. Vicente de Paulo, da Cidade	300\$00
Recolhimento das Trinas e Albergues de S. Crispim e Dominicadas	300\$00
12 famílias envergonhadas, a 200\$00	2.400\$00
24 famílias envergonhadas, a 150\$00	3.600\$00
45 famílias envergonhadas, a 100\$00	4.500\$00
78 famílias necessitadas e pessoas muito doentes, a 50\$00	3.900\$00
240 pobres, doentes e velhos, a 20\$00	4.800\$00
202 pobres, doentes e velhos, a 10\$00	2.020\$00
60 pobres, a 5\$00	300\$00
13 pobres, a 2\$50	32\$50
Escs.	22.352\$50

Durante o ano registámos também na nossa Secção de Beneficência o recebimento de 2.500\$00 Esc., com que nos foi possível contemplar numerosos protegidos, e de um modo especial uma cancerosa e um tuberculoso. Com essa importância elevou-se, pois, a Escs. 24.832\$50 a soma dos donativos que nos foram confiados para os pobres, durante o ano, o que nos permitiu levar um pequeno auxílio a numerosas famílias envergonhadas e a centenas de doentes, aleijados, velhos, etc.

Para algumas instituições beneficentes de Guimarães recebemos, conforme aqui se fez eco na devida oportunidade, mais 4.945\$00 Escs., cujas entregas foram seguidamente efectuadas.

Da distribuição que fizemos fica em nosso poder, como nos demais anos, à disposição de qualquer subscritor, e por espaço de 15 dias, o caderno correspondente.

Apraz-nos agora agradecer a todos quantos, uma vez mais, connosco colaboraram nesta jornada confiando-nos os seus donativos e permitindo-nos manter a tradição do nosso jornal. E do mesmo modo queremos manifestar o nosso reconhecimento àquelas pessoas amigas que nos prestaram prestimoso auxílio na distribuição dos donativos.

Assinal o Notícias de Guimarães

A. L. de Carvalho tem sido sempre um lutador audaz, de grande tenacidade, em quem nunca se notaram desânimos, vibrante, homem de olhar sempre em frente na realização do ideal que o ilumina. Aparece-nos no seu artigo de há dias, «Quimera sem amanhã», deprimito, resignado, fatalista. E' razão para espanto.

Não pode duvidar-se da sinceridade de quem venha a público, como veio A. L., espontaneamente, manifestar uma opinião, nem mesmo, tratando-se de um homem de carácter superior como é o seu, em qualquer circunstância seria licito admitir-se que não fossem expressões fiéis do seu pensamento as que se lêem nesse artigo sobre a sugestão de se construir no Tournal o edificio dos Paços do Concelho.

E nele A. L. de Carvalho classifica de «cor de rosa» o engano de sentidos que, ao deparar com a 1.ª página do «Notícias» de 20 de Novembro, lhe fez tomar como realidade a obra prima de Marques da Silva erguendo-se triunfante e surgindo «por maravilha», a dominar a face norte do Tournal.

Acrescenta que a realização da hipótese do ressurgimento do edificio «no enquadramento do Tournal correspondia a uma realidade ditosa» e que nunca deixara de reputar o projecto de Marques da Silva, que «sempre esteticamente lhe agradou», com todas as características que convêm aos Paços do Concelho de Guimarães; que ainda hoje «quer bem» a esse projecto, «a ponto de lhe ser grata» a concepção de ver levantar-se novamente «o belo edificio-monumento», que «traduz, em suas linhas arquitectónicas de pura inspiração local, a ideia de uma casa da Câmara típica». Tanto mais que, «tratando-se de servir a nossa terra, — cuja vida municipal promana do século XIII —, não lhe ficaria bem oferecer-lhe como Paços do Concelho um edificio moderno» sem correspondência com a história de Guimarães, nem qualquer edificio monástico, «com ornatos arquitectónicos de arte religiosa» num arranjo de adaptação.

Isto é sincero, isto é o pensamento do grande e insuspeito bairrista vimaranense, A. L. de Carvalho. E então como se explica que A. L., em vez de se dedicar com entusiasmo e coragem à realização de tão «sugestiva visão», que é um «sonho lindo», deixe cair os braços inertes e pergunte, como se ele mesmo já não existisse nem admittisse que outras energias ainda possam existir e surgir, com «ressuscitará» o edificio, «agora, se todos os interesses da actualidade se lhe antepõem»?

Quem?!... A. L. e nós, todos os que desprezam quaisquer interesses que se antepõem aos da beleza e progresso da nossa terra!

GAZETILHA

Os anos do «Notícias»

Vinte e quatro anos de idade Completou este jornal Ao serviço da cidade — O seu mais nobre ideal. Merece o caso menção De minh'alma compartilha Da grande satisfação Em forma de gazetilha... O jornalista que diga Pois pode bem calcular As conseiras e a faalga Que é preciso dispensar!

O interesse cidadão Tem sido aqui debatido Com energia e com tino.

O bem geral nos merece Nesta missão de escrever A paixão que não fenece E que há-de prevalecer. Que int'ressu o modo subtil, A artimanha e o despeito, A vilania e o ardil. Se só o Bem é aceito? Pois é também a Justiça Que nos leva à caminhada; 'staremos sempre na liça Com a cara levantada.

É grande este idealismo Que estrutura a nossa vida E dá alma ao Jornalismo.

Saudamos, pois, o «Notícias» — Bom jornal, o povo o diz... Que não sabe usar blandicias Mas põe os pontos nos li...

O derrotismo é indigno da índole de A. L.. O fatalismo não é para a nossa raça; nós somos portugueses, somos os homens da aventura que os pavores do mar ignoto não conseguiram deter na ansia do descobrimento, não somos macacos que nos deixemos afogar em qualquer charco, de mãos atadas na cabeça, ou arrecedas «equipas de architectos apaixonados por novos cânones da arte». De mais, esses cânones estão condenados a desaparecer breve na onda do ridículo de tantas das suas manifestações e no esbarramento do material próprio que, na generalidade, nelas é empregado.

Mas esmiucemos: a que chama A. L. um terramoto? A demolição de uma meia dúzia de casas no Largo do Tournal para no seu lugar se erguer o edificio da Câmara? E quantas no mesmo largo se vão demolir para construir o edificio da Caixa Geral, que não há necessidade nenhuma, e talvez nem conveniência, de se instalar no sítio que à última hora lhe descobriram? Com a agravante de que, se, de facto, houvesse vantagem em construir no Tournal um grandioso edificio para os serviços da Caixa, ter-se-ia lugar bem mais adequado e mais barato; bastaria expropriar a antiga casa do Fidalgo do Tournal, e ampliá-la, guardados os cuidados devidos à estética da praça, com mais um andar.

A. L. precisa de viajar; precisa de ir a Braga, para ver os terramotos que por lá tem havido, com tanto benefício para o engrandecimento e beleza da cidade, graças à boa sorte que Braga teve de haver sido escolhido para a presidência do seu

Continua na 2.ª página.

«Notícias de Guimarães»

Mais um ano se inicia, a partir de agora, na vida do nosso jornal. É motivo para nos sentirmos satisfeitos por termos atravessado já tão longa carreira, que agora se encaminha para o quarto de século de existência, sem desfalecimentos e sempre em procura do bem comum.

Começada a publicação em 11 de Janeiro de 1932, jamais até agora deixamos de, semanalmente, estar em contacto com os nossos estimados leitores e amigos, que o mesmo é dizer com o público que nos acompanha e cujos legítimos anseios nos temos esforçado por interpretar, na medida do possível e sempre dentro das normas da correcção e da justiça, que a nós próprios impusemos desde a primeira hora.

Se às vezes as nossas boas intenções não têm sido bem compreendidas, nem isso é motivo para retroceder ou interromper a marcha sequer.

E neste caminhar firme, sempre ao serviço da Terra e da Pátria, não temos estado nunca sós: — um grupo numeroso de Colaboradores ilustres sempre temos encontrado a nosso lado, ajudando-nos — e que preciosas ajuda essa! — e dando-nos mais coragem para prosseguir. Merecem eles, pois, as nossas melhores saudações, as nossas homenagens, os nossos agradecimentos.

A propósito da passagem do 24.º aniversário do «Notícias» tiveram a amabilidade de vir pessoalmente felicitar-nos ou o fizeram por escrito e em termos que bastante nos sensibilizaram, diversos Colaboradores e Amigos, desta cidade e de vários pontos do país, assim como o sr. Director Nacional do Secretariado N. de Informação, Cultura e Turismo.

Do mesmo modo vários colegas se referiram ao acontecimento em termos muito lisonjeiros e que nos cumpre agradecer. Também recebemos felicitações de diversos organismos desportivos, culturais e beneficentes e de Rotary Clube de Guimarães.

A todos ficamos muito reconhecidos por tamanhas provas de simpatia, que registamos.

C. T.

Que é ser Rico A CÂMARA NO TOURAL CÂMARA MUNICIPAL Conselho Municipal

Que é ser rico?
Possuir muito dinheiro?
Ostar luxos, viver em palácios, disfrutar os gozos e as facilidades do bem-estar mundano?
Mas, o dinheiro, as jóias, os palácios, as terras, tudo, enfim, que no mundo representa opulência, têm, por acaso, o poder de afastar de nós as dores, as incompreensões, os desencantos, as doenças ou a morte?

Que tesouro é esse, então, que não possui a verdade do que é eterno, que não permanece, indefinidamente, junto de nós?
Todos os bens materiais são precívuos e ilusórios.
Por mais rico que um homem seja, por mais absoluto que ele se julgue, não conseguirá deter a marcha do tempo que tudo vence, que a todos submete ao seu jugo poderoso, que caminha sempre, levando nas dobras do seu manto todas as riquezas que, a nós, pobres loucos, pareciam pertencer-nos inteiramente.

Até a mocidade, esse tesouro radiante que a vida a todos oferece sem restrições, também é vencida pela força do tempo; e todo o dinheiro do mundo não conseguirá prendê-la, eternamente, junto de nós!

O desencanto, a insatisfação e o desalento são os companheiros mais assíduos que o dinheiro traz consigo.

Dificilmente o tinir do ouro representa equilíbrio, serenidade, felicidade!

O ser humano, na imperfeição e na fraqueza da sua sensibilidade, limita as suas aspirações justamente às coisas que não podem contentá-lo e completá-lo.

A criatura racional não é apenas corpo físico: é, principalmente, luz espiritual, beleza e evolução.

Nós é que não sabemos enxergar o plano mais elevado que nos pertence. Caminhamos sem direcção, deixamos-nos arrastar e atrair pela falsidade das emoções materiais, deslumbramos pelo tinir do ouro e, cegos, surdos, transformados e enfraquecidos pelas miragens do mundo, inutilizamos a dádiva tão bela que é a vida, conduzindo-a para os abismos profundos da indiferença, do egoísmo, do orgulho e da vaidade!

E, ao perder os tesouros que julgava eternos e poderosos, o ser humano se desespera, julga-se infeliz e abandonado por Deus, porque, na inferioridade do seu sentir, não sabe ver dentro de si a mentira material e a verdade espiritual eterna!

MARIA JUSSÁRA.

SOCIEDADE DE CONCERTOS «MOREIRA DE SÁ»

Ficou adiado para o próximo dia 14 de Fevereiro, o sarau musical promovido pela Sociedade de Concertos «Moreira de Sá», com um notável programa executado pelo violoncelista Henri Honegger, de categoria internacional, que será acompanhado ao piano por José M. Franc, director da Orquestra Clássica de Madrid.

Depois da sua passagem pelas principais cidades da Europa e da América, como Paris, Londres, Berlim, Milão, Haia, Amsterdão, Ginebra e Nova York, será a primeira vez que Honegger se desloca a Portugal, dando a primazia do seu primeiro concerto a Guimarães, por ter sido o berço da nacionalidade.

O concerto efectuar-se-á no Salão Nobre da Sociedade Martins Sarmento.

BREVEMENTE
SUII

responsabilidade da sua contemporização com esse e outros abusos, que tanto prejudicam o prestígio desta terra.

Eu reconheço que a falta de compreensão de uns e a falta de educação de outros comprometem os serviços da fiscalização, tanto mais que estes nunca poderão ser tão eficientes, quanto se desejam, por falta de pessoal em quantidade suficiente para esse efeito. Sendo assim, nem as mais rigorosas providências nem o seu mais rigoroso cumprimento porão termo aos abusos que dia a dia surgem perante os nossos olhos, comprometendo, sem dúvida, o nome de Guimarães.

E aqui tem, minha Senhora, como consegui escrever-lhe esta carta com a única intenção de V. Ex.ª e outras pessoas se acuatelarem da traição das cascas de laranja.

Sobre futura correspondência, recordo o adágio: «O homem põe e Deus dispõe».

De V. Ex.ª
cd.º ven.º e ob.º
X.
Janeiro de 1966.

(Continuação da 1.ª página)

município um homem de acção. Precisa de ir ao Porto e presenciar os formidáveis terramotos que representam a abertura da Avenida dos Aliados e, agora, nestes últimos tempos, a da Avenida da Ponte.

Precisa de passar por Coimbra e olhar com saudade para um terramoto imenso que faz desaparecer, implacável, as mais queridas recordações de tantas mocidades que por ali deixaram pedaços do coração. E em Lisboa poderá ver também o terramoto da Rua da Palma e de todo o complicado e tão típico e tradicional bairro da Mouraria; e não se lhe pede que saia do país nem alargue cá dentro os seus passeios para se não dar a estas considerações o aspecto de um aldearismo vaidoso de conhecimentos do que vai por esse mundo fora.

Quem é que se fixa «em atitude estática na contemplação das coisas já sem vida, soterradas para sempre»? São aqueles que querem que se construa um edifício-monumento para a sede da Câmara na Praça do Toural, o que nada tem de estático porque é dinamismo, ou quem, como A. L. nos vem dizer que o sonho é livre mas cheia a cadáver e, por isso, dele nos devemos afastar?...

Demorou-se A. L. na contemplação do quadro do edifício dos Paços do Concelho na face norte do Toural; achou-o lindo mas «passou adiante, de regresso à vida». Então viver é nada fazer, passar adiante dos problemas que se nos oferecem sem os resolver. E' visionar coisas belas e não dar um passo para as realizar; porque na concepção extravagante de A. L. ter uma ideia magnífica, embora tão simples como é a da construção de um edifício necessário em lugar adequado, e tentar realizá-la, é lutar contra a morte!

De extrema loucura qualifica A. L. a tentativa de realização de um projecto de construção de um edifício já aprovado e admirado por si mesmo, como próprio para os Paços do Concelho; extrema loucura e cadáver fétido. Juízo per-

feito e vida plena e talvez regalada, que não cheira a cadáver e embalama a digestão, será, pois, não ter ideias e deixar correr o marfim.

Há dias, A. L., para se desenfasiar do honroso convite que recebera para ouvir ler uns discursos de aligeira trocados entre amigos e colegas que estreavam umas poltronas novas, foi dar um passeio até à Costa e admirou depois o refresco das paredes do cinema local, onde passou o resto da sua visita a esta sua antiga terra: tudo isto lhe serviu de pretexto para deliciar os seus habituais leitores com mais uma das suas belas peças literárias a que desde há muito especialmente se dedica.

Está bem. Ninguém tem o direito de mais lhe exigir. Mas deixe em paz e não fulmine com a sua sátira, quem quer que entenda que Guimarães merece mais do que tão cómodo esforço!

Para ganhar batalhas dessas não precisamos de nos dar as mãos.

Nota da Redacção:

Na discussão de um mesmo assunto, dois ilustres Colaboradores deste jornal — M. e A. L. de Carvalho — um e outro merecedores da nossa melhor estima e do nosso muito apreço, encontram-se em posições, até certo ponto, diferentes.

Porém, apresentando razões e apreciando factos, ambos têm apenas um objectivo e esse, que sabemos ser sincero, merece o nosso inteiro aplauso: pugnar pelo progresso da terra.

E porque, tanto M. como A. L. de Carvalho, vigorosos na acção e inteligentes na observação, alguns serviços e prestímos têm prestado à nossa Cidade e Concelho, como seus Filhos e defensores ardorosos, muito desejamos que, dando-se as mãos como velhos amigos, prossigam, serenamente, a marcha segura em prol dos mais firmes objectivos.

UM MELHORAMENTO na FREGUESIA DE PRAZINS

Procedeu-se no domingo, solenemente, em Santo Tirso de Prazins, à inauguração da electrificação da freguesia, melhoramento este que se fica devendo à actual vereação da Câmara Municipal e bem assim a alguns proprietários dali que prestaram o melhor do seu concurso. A frente destas destaca-se o nome do sr. João Ribeiro Dias Júnior, estimado comerciante que, para solenizar o facto, reuniu em sua casa as autoridades e demais convidados, oferecendo-lhes um delicado «copo d'água» no decorrer do qual se fizeram brindes pelas prosperidades do concelho de Guimarães.

Ao acto da inauguração da Cabine, presidiu o Chefe do Distrito, sr. Tenente Coronel Armando Nery Teixeira, assistindo os srs. dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, Presidente da Câmara, e Vereador sr. dr. José Catanas Diogo; Fernando Lage, Jordão, sócio da firma concessionária da distribuição de energia no concelho; Rev. P.º António de Araújo Costa, Arcipreste; drs. Gaspar Gomes Alves e Armando Teixeira de Faria, respectivamente, Chefe da Secretaria e Tesoureiro da Câmara Municipal e outras individualidades, assim como muitos habitantes da freguesia, abrilhantando aquela cerimónia a banda de música das Oficinas de S. José.

Falaram, após a inauguração da cabine e a ligação que foi feita pelo sr. Governador Civil, os srs. Padre Freitas Leite, dr. José Maria de Castro Ferreira, presidente da Câmara, e o Chefe do Distrito.

O sr. Presidente da Câmara salientou o facto de já se encontrarem electrificadas 44 freguesias no concelho e referiu-se à colaboração da firma concessionária, assim como, no caso de Prazins, à que prestou o sr. João Ribeiro Dias Júnior, a quem felicitou.

Durante a inauguração foram lançadas salvas de foguetes e ouviram-se os acordos do Hino da Cidade.

NO MEU CANTINHO

(Retardado na Redacção)

No domingo, 1 de Janeiro. No Jornal da Matilde, toda a página primeira me cansou com tanta beleza!

Coroava-a o Poema de Maria Eurydice.

Estou muito fatigado. Nem o meu Sousa Machado ruminou, no formoso Jornal do Antonino.

GERESINO.

Os Reis dos Caixeiros

Como de costume, assistimos mais uma vez ao desempenho da linda festa dos Reis dos Caixeiros. E' sempre uma linda festa, de requintado gosto artístico da nossa mocidade! Mais que isso, é uma Festa tradicional, de crítica bem intencionada, alegre e espirituosa, acessível a todos, grandes e pequenos, ricos e pobres.

Ninguém fica indiferente ao desempenho dos Reis dos briosos rapazes do Comércio, que com a sua graça juvenil e gosto artístico levam-nos a toda a cidade, desde as casas particulares ao público, desde o Teatro à Câmara, ao Hospital e à Cadeia.

E' um motivo de folclore regional, a que a nossa mocidade sabe imprimir beleza e arte.

Os rapazes do Comércio de Guimarães, ciosos do seu dever, de continuar este legado de seus antecessores, mantêm assim a tradição que muito os honra.

Merecem, por isso, louvores os nossos rapazes e oxalá nunca deixem perder esta bela tradição.

E uma vez que falamos nos rapazes do Comércio, é justo que lembremos outra tradição que a eles se deve, à qual vêm imprimindo o melhor do seu esforço e melhorando de ano para ano — a *Marcha Gualteriana!*

Sem dúvida é um número rico de beleza, empolgante, hoje o melhor cartaz das Festas da Cidade.

Todos aqueles milhares de bonecos e carros alegóricos, de rara beleza, devem-se a um punhado de rapazes, que são sempre os mesmos, os nossos Caixeiros, orgulhosos em apresentarem sempre novidades, tendo remodelado por completo a *Marcha* nestes últimos anos.

Têm necessidade estes rapazes dum casa própria — A Casa da *Marcha* — para arrecadação e trabalho de todos os anos.

Guimarães reconhece essa necessidade e sabe muito bem quanto esforço dispendem esses rapazes nessa organização maravilhosa que muitos estão a querer imitar, mas nunca poderão igualar.

Nós, vimaraneses, precisamos de defender esta tradição que é nossa, tradição que nos honra e engrandece, que chama a Guimarães milhares de forasteiros, de todas as classes. A *Marcha Gualteriana* é um número das Festas da Cidade, imprescindível, a que o público se habituou e que nacionais e estrangeiros apreciam vivamente.

Por isso todos nós acarinhamos a ideia da Casa da *Marcha* e supomos bem que as autoridades locais, na altura própria, hão-de prestar o melhor dos seus esforços para que essa realização vá avante.

J. SOARES LEITE.

SESSÃO DE 31-12-55

(Retardado na Redacção)

Aprovar a proposta do sr. presidente do teor seguinte:

«Considerando que a diversidade de percentagens do imposto de turismo que vem sendo atribuídas às Juntas de Turismo do Concelho, assenta em bases que não são, a meu ver, as precitadas na lei (§ 5.º do art. 772.º do Código Administrativo) especialmente no que se refere às zonas de turismo das Taipas e Vizela.

Considerando que na distribuição do imposto de turismo pelas diversas zonas do concelho deve ter-se em atenção a população flutuante de cada uma e as necessidades a prover, como expressamente consigna a citada disposição legal.

Considerando mais que não podem ser dadas tratamentos diferentes às duas zonas turísticas de Vizela e Taipas.

Considerando finalmente que tanto numa como noutra as despesas com a iluminação estão a cargo da Câmara enquanto que na do local da Penha estas despesas constituem encargos da respectiva Junta de Turismo.

Nestes termos tenho a honra de propor:

1.º, que se estabeleça a partir de Janeiro do próximo ano de 1956, a seguinte divisão do imposto de turismo:

Junta de Turismo da Penha, 50%; Junta de Turismo de Vizela, 22 2/3%; Junta de Turismo das Taipas, 22 2/3%.

2.º, que pela Câmara seja assumido o encargo das despesas com a renda do edifício aonde está instalada a sede da Junta de Turismo da Penha, e bem assim a iluminação e força motriz do local da Penha e da sede dos serviços.

— Registrar na acta as considerações do vereador sr. dr. Julio Soares Leite, do teor seguinte:

Sr. Presidente:

Srs. Vereadores:

Ao findar o primeiro ano do quadriênio para que fomos investidos, é justo que lancemos uma vista de olhos pelos actos administrativos da nossa Vereação. Frise-se, em primeiro lugar, que os primeiros contactos com a vida municipal são de verdadeira expectativa, para quem, como eu, por aqui passa pela primeira vez, tal a complexidade e diversidade de assuntos a que nem sempre estamos habituados. Não é, por isso, de entrada, que se fez bom trabalho. Há necessidade de estudar os assuntos, de os compreender e assimilar; há necessidade de elaborar um plano de acção que tem necessariamente de ser delineado o melhor possível; enfim, há ainda que contar com dificuldades e imponderáveis a entrar os problemas a resolver, que tantas vezes nos parecem bem simples de início. E foi assim que principiámos os nossos trabalhos, onde as dificuldades nos surgiram como era de prever, e demais a mais porque se trata de um concelho enorme, de muitos recursos, mas também com imensos problemas em atraso, quer na cidade, quer nos diversos centros rurais. São imensos os trabalhos e tarefas que têm sido dispendidos no plano idealizado e acarinhado por toda a Vereação. Supondo eu que poucos calculam quanta força de vontade, de coragem, de abnegação, é necessária para passar da idealização à execução. Felizmente que a frente da edilidade vimaranense está um Homem de acção, dinâmico e empreendedor, uma personalidade forte que tem sabido enfrentar as situações e há-de dar-lhe, creio bem, uma saída ariosa e justa, como é desejo de todos nós. No entanto o ano não foi só de projectos e estudos. Fazendo um balanço por alto à acção administrativa da Vereação, no ano que termina hoje, verifica-se que foram levadas a efeito, ou pelo menos iniciadas, as seguintes obras:

a) Reparação das Escolas de Santa Luzia, obra arrematada por 209,650\$00 e em vias de conclusão;

b) Aprovada e executada a proposta do vereador sr. Manuel Soares Moreira Guimarães para substituir grande parte da iluminação pública por lâmpadas de maior poder iluminante;

c) Recepção apoteótica ao Presidente Café Filho, dos Estados Unidos do Brasil, cujo brilhantismo ultrapassou toda a expectativa;

d) Em Maio passado, as negociações bem sucedidas do senhor Presidente com os proprietários dos terrenos onde havia de ser implantado o Palácio da Justiça e o início das obras no dia festivo do 28 de Maio. Os respectivos terrenos e prédios foram arrematados por 850.000\$00, e as obras do Palácio estão já comparticipadas com 6,500,000\$00 a progredir agora em ritmo acelerado, estando os alicerces a surgir à superfície, apesar das enormes dificuldades técnicas que ainda existem;

e) Resolução camarária da compra dos terrenos relativos ao futuro Parque de Jogos, de que já foi possível negociações amigáveis de grande parte dos referidos terrenos nos quais a Câmara já dispendeu 675.000\$00. Os trabalhos

de terraplanagem serão iniciados muito em breve e estão orçamentados em 585.497\$50;

f) Foi inaugurada uma ala do Mercado e está em estudo o arranjo do pavimento do mesmo, tendo em vista a higiene, o asseio e o aformentamento do local;

g) No Bairro da Arcela concluiu-se a empreitada das 35 casas e está em vias de conclusão a pavimentação de esgotos do local. Dispenderam-se ali, este ano, 849.500\$00 e o total até à data ali gasto deve andar perto dos 2.000.000\$00. Quanto aos melhoramentos rurais e entre outros contam-se:

a) Reparação e construção da E. M. 50 da Penha ao alto de S. Simão, arrematada por 214.000\$00, faltando cerca de 1 quilómetro para a sua conclusão;

b) Pavimentação da Estrada do Pevidém a Gondar-Ponte de Serres, orçamentada por 266.624\$90;

c) Reparação e alargamento dos Cemitérios de S. Paio de Vizela, Pencilo, Fermentões e Santo Estêvão de Briteiros;

d) Inauguração e instalação da luz eléctrica em Santo Estêvão de Briteiros e Prazins e estudos diversos de electrificação;

e) Em Vizela:

Na Avenida D. Ana de Sá, cerca de 500.000\$00; na Avenida de cá acesso ao Hospital, 102.000\$00; na abertura de duas ruas no Campo do Prado, 170.400\$00;

f) Procedeu-se a inúmeros trabalhos de reparação de escolas, material didáctico e mobiliário onde se dispenderam muitas dezenas de contos.

Deu-se início à construção de diversas escolas pelo Plano dos Centenários (Vermil, Costa, Abação e Guardizela);

g) Diversos trabalhos de ordem geral:

Como reparação de caminhos, fontes, estradas, ruas, etc.;

h) Encargos bastante elevados na Assistência, que atingem muitas centenas de contos, bem como noutras organizações de carácter cultural. E foram estes, entre outros, os trabalhos em curso no ano que termina hoje.

Outras preocupações de vulto absorvem a Vereação actual que mais não tem feito, porque, como disse já, aparecem sempre embaraços, peias burocráticas, a entrar a resolução dos assuntos. O pouco que fizemos foi com vontade de acertar. Antes de terminar, por mim, e certamente interpretando o sentir de todos os srs. vereadores, eu quero agradecer a todos, os trabalhos e cansaças de um ano: — Ao sr. Presidente pela certeza que nos dá na execução das obras projectadas; ao sr. vice-presidente pelo seu trabalho desinteressado, pelo seu abnegado sacrifício em prol de Guimarães; ao pessoal da Câmara, e na pessoa do sr. secretário, eu renovo os agradecimentos aqui já formulados pelo vereador sr. José Maria Pinto de Almeida concordando que têm sido zelosos e cumpridores dos seus deveres, ajudando-nos assim a cumprir a nossa missão. Por último, aos colegas da Vereação, louvores tenho de prestar pelo seu espírito de sacrifício, pelo abnegado bairrismo e contributo que estão dando para o engrandecimento da nossa querida Terra.

A todos o muito obrigado e um novo ano ainda mais feliz.

— Conceder à Junta de Freguesia de Pencilo o subsídio de 4.000\$00, a satisfazer em 1956, para a abertura do caminho da Igreja ao Cemitério;

— Encarregar o Arquitecto Peres Fernandes de elaborar o estudo pormenorizado da Praça do Toural e Largo 28 de Maio e de estudar a sua ligação até ao cruzamento do Campo da Feira, conforme suges-

A fim de ser aprovada a deliberação camarária de 15 de Dezembro do ano findo, referente à iteração do quadro do pessoal da Secretaria e da Repartição de Obras e respectivos ordenados e, ainda, para tomar conhecimento da decisão do Supremo Tribunal Administrativo sobre o recurso interposto pelo sr. Manuel João de Freitas Ribeiro de Faria, ex-Vereador da Câmara Municipal, reuniu no dia 9, sob a presidência do sr. dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, o Conselho Municipal.

O Conselho aprovou a deliberação da Câmara no sentido de ser alterado o quadro do pessoal da Secretaria e da Repartição de Obras, tanto mais que a mesma deliberação foi sugerida em relatórios da Inspeção Administrativa e da Inspeção das Finanças em face do volume e da complexidade dos serviços camarários.

Quanto à decisão do Supremo Tribunal Administrativo, referente ao recurso interposto pelo ex-Vereador sr. Manuel João de Freitas Ribeiro de Faria, o Conselho tomou conhecimento dos articulados daquele douto Tribunal, seguiu os quais foi negado provimento ao recurso e, portanto, mantida a deliberação do Conselho Municipal.

Pela e Romaria de Santo Amaro

Realiza-se hoje, na freguesia de Mascotelos, a feira anual e romaria de Santo Amaro, que ali costuma atrair muita gente de vários pontos do concelho.

Use Gazcidla

ção da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização;

— Aprovar o orçamento ordinário para 1956. A receita ordinária incluindo reembolsos, reposições e consignações atinge o montante de 12.555.137\$00 e a receita extraordinária é de 9.106.534\$90. A despesa ordinária totaliza 10.003.570\$89 e a extraordinária é de 10.775.000\$00;

— Aprovar a actividade camarária para o ano de 1956;

— Autorizar pagamentos na totalidade de 410.303\$80.

SESSÃO DE 12-1-56

Sob a presidência do Ex.º Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, a Câmara deliberou o seguinte:

— Assumir o encargo com a aquisição de materiais para o trabalho de abastecimento de água na freguesia da Costa;

— Solicitar a ligação, a título precário, da instalação eléctrica do edifício escolar de Donim; rede da Póvoa de Lanhoso;

— Ceder à biblioteca da «Sala dos Guardas» do Comando Distrital da Polícia as obras que vñham a ser indicadas pelo Sr. Vereador do Pelouro da Cultura;

— Proceder a obras de reparação na Secção de Polícia de Segrança Pública;

— Deferir o pedido de prerogação do prazo, por mais 3 dias, requerido por Francisco Moreira L. de Magalhães e Couti, para demolição de um prédio existente no lugar da Corredoura, em Torcato;

— Organizar o processo e verificação do estado de ruína o prédio n.º 42, da Rua de Santa Maria, desta cidade, conforme orequerido por José de Carvalho;

— Conceder licenças par obras a Manuel Gonçalves, Amdeu C. Penafort & Filhos e Manuel Mendes de Oliveira;

— Aprovar o projecto a obra de Rectificação da Rua d Santa Cruz e da nova arteria ligando o Campo da Feira, conforme suges-

SÓ NA SAUDADE!

E' lá possível esquecer-te, amor!

P'ra que veem dizer ao meu ouvido

Palavras loucas, frases sem sentido

Que tornam mais acerba a minha dor?

Não quero ouvi-los! Tenho-lhes horror!

Torturam o meu peito dolorido,

Onde a saudade mora, e o olvido

Não caberá jamais. Seja o que fe

Que me digam de ti, não tem resposta;

Pois nesta vida quando a gente gosta

De alguém como se quer à própria vida,

O Mundo não interessa, não tem paz;

O nosso mundo é a Saudade, e não

Só na Saudade temos paz, guarita.

ELIZABETH SANTOS.

VARANDA DE PILATOS AVÉ IZILDINHA—O ANJO DO SENHOR CRÔNICAS PARA MAIORES DE 50 ANOS

Servir não é abdicar do que se pensa, nem o que se pensa poderá tornar-se serviço, se não for dado isentamente, como oferta generosa ao bem comum, sem propósitos de infalibilidade, assentes na opinião própria e por isso aceitando e avaliando o que outrem possa pensar, com intenção de servir.

Está na intenção, quando preparada e prudente, acto de inteligência e de vontade, a característica certa do bom ou do mau serviço, mas nem porque o cérebro concebê-lo bem o serviço será meritório, nem porque a vontade se dinamize e saiba querer o acerto da obra coroará a concepção.

Não há muito quem dê duma preparação anterior ou actualizada uma intenção de servir, com isenção, aquele bem comum, que, na própria definição de sociedade, a-par da união de vontades, de todos pede a cooperação, para que o benefício a todos atinja.

Uma estabilidade de pensamento e de acção, na permanência dos motivos altos, até à persecução dum fim, — isso será servir —, no estudo e na ansiedade de tornar melhor a vida social, parece não ser o que tanta vez aparece na forma e na ideia dos que gostam do jornalismo, para que se ouça o que pensam.

Nem o estudo, nem o conhecimento e muito menos a ansiedade dum serviço real, a bem de todos, move muitas canetas brilhantes, que mais afiadas numa acuidade cuidadosa e pensada, seriam extraordinárias obreiras duma cidade ideal, em que se sentissem felizes e encontrassem razão de amar a vida os que gostam de possuir as certezas dos direitos de cidadania.

O pensamento corrente de que apenas um Estado organizado sob determinados ideais políticos, capazes de dar forma às inteligências operantes, pode satisfazer ansiedades, vividas pelo aglomerado humano, carece de revisão, pelo menos quanto àquelas obras que poderão ser de qualquer tempo, como necessidades de sempre e por isso intemporais.

Posta assim na suspensão do estudo e da meditação a teoria da perfectibilidade dos regimes políticos, ainda que nos sintamos atraídos pela filosofia do social, — não há mais que aproveitar o tempo, que nos permita realizar a obra, que antes e depois os políticos analisarão e modificarão aos sabores da época.

Dá pouco trabalho quebrar as coroas e substituí-las por escudos...

«Obras, que palavras não», como ensinou Sá de Miranda, embora a palavra oral ou escrita deva ser o

comentário superior, sempre digno de quem possa ter palavras que se ouçam, quando elas forem uma revelação de pensamento e não a maneira de o esconder.

Mas obras, como todas aquelas que nos deixaram os que nos precederam, enchendo a vida de interesse e de beleza, nesta ansia de construir um mundo melhor, não apenas aquele mundo em que habita o nosso sonho, mas aquele em que firmamos os passos, já que nos foi dado possuir a terra que pisamos, esta terra que, se escutarmos bem, geme ao peso duma civilização que nela criamos, mas que amorosamente sustera sempre o muito que nela resta fazer a bem duma humanidade, que não chegou ainda a construir a felicidade, sob o signo da perfeição.

De quase tudo quanto divide os homens, quando aflitos na prestação do serviço social, só há uma coisa que não presta: — é a má intenção.

O resto, susceptível ou não de realizar-se, a curto ou a longo prazo, semente de benefício a cento por um ou a um por cento, será a seara para a colheita, tanto melhor quanto melhor for a semente, tanto melhor quanto melhor for a terra em que cair.

... e tanto melhor também quanto melhor for o sementeiro.

Se se atirar com uma ideia para os pedregulhos, para os espinhos, para os caminhos públicos, sujeitámo-nos a que morra à mingua, se afogue nas ervas más, a pisem os descuidados viandantes, com outras ideias na cabeça e não reparando o que calcam os seus pés.

A parábola bem conhecida não é apenas a da palavra divina. A sementeira das obras humanas há-de ser a palavra humana.

— Palavra de fé, palavra de certeza!

— Aquela palavra que poderia estar no princípio duma razão de jornalismo, se escutarmos o conselho de Eça de Queirós, ao anatematizar a intolerância e a ligeireza dos juízos e a vaidade que cada jornal de trincheira atira por cima dos sacos de areia, com que se defende, aos que supõe seus inimigos.

Se reconhecermos a necessidade de semear a boa semente, bem deixada ao vento propício, bem limpinha da cizânia, com que alegria poderemos cantar a canção dos ceifeiros, nesta seara maravilhosa e pesada dos frutos maduros, que bem merecemos.

A geira é ubérrima de esperança e de seiva.

Só resta tratá-la bem.

J. M. PINTO DE ALMEIDA.

UMA PEREGRINA FONTE DE GRAÇAS

Do conhecido e apreciado poeta paulista Dr. Paulo de Noronha, são as sentidas e inspiradas estrofes que abaixo transcrevemos. Foi lendo os depoimentos mais espontâneos, as narrativas mais simples de extensas reportagens publicadas em jornais de São Paulo, e traduzindo o quanto vai de sentimento de gratidão e de admiração por Izildinha — O Anjo do Senhor, nas romarias domingueiras e de todos os dias 17 de mês, junto ao túmulo onde jaz o corpinho dessa encantadora e misericordiosa intermediária do Senhor entre os aflitos e necessitados deste mundo, que Paulo de Noronha sentiu toda a bondade immanente da bem-aventurada criaturinha. Recebendo os amenos eflúvios da fé e da crença, escreveu a delicada poesia, que transcrevemos, também, como homenagem à milagrosa Menina:



NASCEU ANJO, MORREU FLOR

Paulo de Noronha (Da Academia de Letras de S. Paulo).

Santificada rainha,
Das almas do Redentor!
Veio do Céu, Izildinha,
Nasceu Anjo, morreu flor.

Ave implume, ao desalento
Descida ao solo profundo.
Só conheceu sofrimento,
Não pertencia a este mundo.

O tempo que tudo gasta,
Destrói a pedra, os metais.
Conservou-lhe a forma casta
Nos seus despojos mortais.

Do berço que nos irmana,
Vem de além-mar, Izildinha!
Jerusalém-lusitana,
Da milagrosa santinha!

Das artes é toda essência,
Poemas de rimas mil,
Que nos inspira a onisciência,
A fé cristã no Brasil.

Se vem das flores, o aroma,
O pólen que as rosas têm
Salmos régios de Roma
Izildinha, traz também!

Lira de eterna balada,
Na santa orquestra do amor!
Na voz sublime, emanada,
Dos querubins do Senhor!

Chegam-nos, sempre, lembrando
Milagres mil à mão cheia,
Jesus aos servos, amando,
Nos pomos da Santa-Ceia!

Ser de Deus, na terra, o lema,
Ser luz, ser fé, ser amor,
Trazer da frente, o diadema,
Ser o Anjo do Senhor!

Em gotas que a vida encerra,
Fonte de eterna pureza,
Unindo o céu e a terra,
No seio da natureza!

Santificada rainha,
Das almas do Redentor!
Veio do Céu, Izildinha,
Nasceu Anjo, morreu flor.

GRAÇAS

Yolanda da Silva Campos, residente na Rua 28, n.º 42, São Paulo, obteve a grande graça de ver sua filha de cinco meses curada de ataques. — Maria Aparecida Dias, residente na cidade de Diamantina, Estado de São Paulo, recebeu a graça de ver seus negócios realizados e por grande importância enxada que havia perdido. — Elvira Pelegrino, residente na Rua Sorocabanos, 400, São Paulo, com seu pedido à Izildinha, seu irmão ficou curado de ataques que sofria

há muito tempo. — Guimar Altizano, residente à Rua Dr. Freire, 83, São Paulo, com a protecção de Izildinha ficou curada de paralisia a pedido de seu pai. — Branca de Oliveira, residente na Rua Padre João Manuel, 1078, São Paulo, recebeu a graça de ter encontrado grande importância que havia perdido. — Isaura Jardim, residente na Rua Azevedo Marques, 57, São Paulo, veio de joelhos pela graça de ter obtido a cura de sua filha de 11 meses.

Na nossa Redacção e na Livraria L. Oliveira & C.ª pode ser adquirido pelo preço de 50\$00 o interessante livro da autoria de Pedro Nuno — «IZILDINHA, O ANJO DO SENHOR» — SUA VIDA — SEU AMBIENTE — SUA ÉPOCA — de 374 páginas e farta ilustração fotográfica, do qual pelo autor nos foi oferecido um lote com fins beneficentes. Destina-se todo o produto à Santa Casa da Misericórdia de Guimarães. Quinzenalmente publicaremos as Crônicas, a 12.ª das quais se publica hoje, relacionadas com a Vida de IZILDINHA, que viveu e morreu em Guimarães, mas cujo corpo foi levado mais tarde para São Paulo.

Do inimigo e do amigo

Também poderia acrescentar «do ódio e do afecto» ao escolher um título para aquilo que não é precisamente um artigo, mas sim uma carta aberta em resposta à carta de uma pessoa amiga e minha conhecida.

Por lhe ter respondido e resolvido algumas dúvidas de gramática francesa, escreve-me agradecendo e oferecendo-me a sua amizade prometendo que será leal nela porque é pessoa tão firme nas suas predilecções como implacável nos seus rancores e, a seguir, com uma curiosidade não isenta de malícia, atreve-se a perguntar-me se nutro algum ódio profundo no meu coração. Justifica esta pergunta dizendo que das minhas palavras e dos meus gestos se deduz um carácter veemente e apaixonado. Muito agradecido por tudo, pelo afecto com que me brinda e pelo tema que me oferece; no que se refere ao ódio, gostaria de responder-lhe que não, que nunca odiei ninguém, mas como não sou precisamente um S. Francisco de Assis que chamava irmão ao lobo, mas sim um pobre mortal, pecador como os outros, respondo-lhe que, provavelmente sim, mas que agora, neste preciso momento,

não me lembro nem faço nada para me lembrar já que a primeira coisa que o ódio nos leva é o nosso tempo. Aquele que odeia lhe acontece o mesmo que acontece ao jogador viciado, ao pensar em quem odeia, como o jogador pensa naquilo que perdeu, não devendo, no seu entender, tê-lo perdido, não tem tempo para pensar noutra coisa. O ódio é sempre um mal para quem odeia e nem sempre o é para o odiado. Quando o não podemos exercitar, porque nos consome interiormente e acaba por deixar-nos doentes, pois que o ódio é sempre uma forma de intoxicação, e assim como a intoxicação do cansaço se cura com o repouso, para a intoxicação do ódio não existe remédio mais eficaz do que o esquecimento, e como por outro lado, quando não o esqueçamos e o possamos exercitar, levamos-nos sempre para a maldade e para a perversão, é preferível ser-se esquecido do que perverso.

Claro está — porquê não confessá-lo! — que momentaneamente posso aborrecer-me de ou com alguém, embora esse alguém seja companheiro meu, quando aquilo que diz

(Continua na 4.ª página)

TEXAS

LAVANDARIA A SECO

sistema americano

Transforma os fatos e vestidos velhos em novos. Conserva os novos sempre novos. Não encolhem. Não se deformam. Duram muito mais.

EXPERIMENTE HOJE O REVOLUCIONÁRIO SISTEMA AMERICANO DE LIMPEZA E CONSERVAÇÃO DE VESTUÁRIO.

TEXAS

AGENTES EM GUIMARÃES:
BRAGA & REBELO, L.ª
RUA DE PAYO GALVÃO, 1

XVIII

Naquele tempo não havia a árvore do Natal, nem mesmo o «Pai Natal» era conhecido da petizada; o que se sabia era que o Menino Jesus vinha nessa noite com um alforje cheio de coisas boas, brinquedos, bonecas e macacaria articulada, visitar os quartos dos meninos «que se portassem bem», e isso era indispensável, e distribuir-lhes os seus presentes.

Só depois é que começou a aparecer, mascarado, o tal «Pai Natal» de barbas brancas e de indumentária para resistir às neves; aqui com este clima doce e ameno, em que a neve só aparece lá para o Gerês e Terras de Barroso, não há quem o compreenda coberto de neve; a petizada só acredita no Menino Jesus, esse, sim, era o que lhe trazia as bonecas de cabeça de porcelana, umas até que fecham os olhos ao deitar, muito bem parmentadas, mas cheias de serradura na barriga, braços e pernas; os soldados de chumbo, todos em formatura nas caixas de cartão; as barretinas e espadas de folha; as espingardas que disparavam uma rolha, ou estouravam um fulminante de papel, redondo, e que se compravam em caixinhas vermelhas; os cavalos, desde os pequeninos até aos grandes, que a gente miúda podia montar; os bonecos de corda e o macaco que trepava pelo fio, eu sei lá que de coisas bonitas, que eram o encanto da pequenada, e tamanho ele era que não descaçava enquanto não visse como aquilo «era por dentro».

Mas agora, Santo Deus!, o que para aí vai de brinquedos bonitos, bem apresentados, realmente encantadores, uns, e outros igualmente aliantes, mas de duvidosa educação moral — pistolas metralhadoras, morteiros de trincheira e carros de assalto com os respectivos canhões, tudo isto felizmente de plástico — coisas que mais encantarão os velhos do que as crianças.

Ora neste ano dei uma volta pela cidade e pela Praça, no sábado que calhou ser a véspera do Natal.

Muita gente, muita criançada pelas ruas, as lojas de brinquedos cheias de compradores, e na Praça também muita gente, mas não tanta como no sábado de Aleluia. Quando vou a Guimarães num sábado pela manhã, não deixo de ir admirar o mercado das flores, que é coisa digna de se ver, porque as vendedoras, talvez pela influência do artigo que expõem, têm tanto gosto na apresentação dos cestos e açafates que é um verdadeiro encanto para os olhos.

Vale a pena dar uma saltada à Praça num sábado pela manhã, enquanto os açafates estão intactos, mas, como todas as coisas dignas de se ver, têm um contra que é o local acanhado da exposição, o da varanda que está bem nos dias de chuva.

Num local mais amplo, onde se possa dispor o conjunto dos cestos, numa manhã brilhante de sol, do mês de Maio, é uma exposição tão maravilhosa e atraente que vale bem o incómodo do levantar cedo.

Depois andei à procura das mulheres das grandes talhas de mel e fiquei desolado com o aspecto sórdido e pouco convidativo do espectáculo, em que só vi duas infusas de barro vidrado e o resto eram cântaros de folha mal amanhados, e sem as colheiras de pau, e os vendedores e vendedoras de indumentária muito pelintra, muito longe daquelas lavadeiras frescas e anafadas, com os seus lenços de cores berrantes que havia há cinquenta anos.

Realmente aquilo está a pedir a intervenção de alguém de bom gosto que aconselhasse as vendedoras a apresentarem-se mais convenientemente numa data de festa como a que passou, e até arredar de lá uma vendedeira de tripas enfarinhadas e de chouriços de sangue!

Tudo isto dá carácter e as praças do mercado são muito visitadas por turistas que ali vão apreciar aspectos pitorescos das populações.

Passou o Natal e chega-se ao último dia do ano, em que há 55 anos se celebraram missas à meia-noite para solenizar a passagem do Século.

Só me recordo de ter ido à de São Francisco e ter visto, no meio da multidão que a essa hora andava pelas ruas, um patusco a mostrar um gato morto a representar o Século XIX!

No dia seguinte eram as «Janeiras» que não se diferenciam dos «Reis» senão nos versos invocatórios:

«As janeiras não se cantam
Nem aos reis, nem aos c'roados,
Mas nós vimo-los cantar
Por ser anos melhorados».

No dia 5 à noite começavam os «Reis», naquele tempo ainda pouco executados por grupos organizados; geralmente era gente pequena que se dedicava a esse festejo, mas não o afirmo com certeza, porque só muito vagas impressões conservo; no entanto aí vai o que me ocorre dessa ditosa época da vida.

Juntavam-se umas tantas crianças que previamente tinham arranjado um instrumento de acompanhar as

cantigas e a que só posso chamar — uma folheta — por consistir num pequeno pau, aí de dois palmos, em que se pregavam umas rodéas de folha do tamanho dos patacos, às duas e três em grupo, com certa folga para chocalhar, o coisa de três ou quatro grupos (recomendo este «instrumento» aos músicos do jazz). Este aparelho era essencial e tocava-se batendo-o na palma da mão.

Ora os reiseros chegavam, tocavam a campainha e indagavam: «cantaremos?».

As vezes nem esperavam resposta, por estarem em casa liberal, começavam logo:

«Aqui vimos três rosinhas,
Quatr'ou cinc'ou seis,
Vimos-lhe pedir licença
Para lhe cantar os Reis».

Esta era a entrada clássica, que depois foi modificada com outras invocações, e continuava:

«Santos Reis, santos c'roados
Vinde ver quem vos c'roou,
Foi um anjinho do Céu
Qu'ind'agora aqui passou».

Seguiam-se os votos pelas felicidades dos da casa e todos conduzindo à esportula, fazendo alusões às pessoas de família conhecidas, mencionando os desejos que julgavam bem aceites, e assim:

«Quem diremos nós que viva
Ante cravos e mais rosas?
Div'o senhor desta casa
Que tem acções generosas».

Por aí fora até à despedida, que se supõe seja satisfatória, sem alusões a «esta casa cheira a breu», e outras que tais:

«Quem diremos nós que viva
Na folhinha da giesta?
Diva toda a mais família
Est'acabada a nossa festa».

Um «viva» geral e já estava a criada à espera desta quadra para entregar o vintém, o pataco e às vezes o meio tostão, o que era considerável nesse tempo.

Ora aqui há coisa de 50 e tantos anos chegou da África meu tio Capitão Novais Teixeira, homem por quem tive sempre a maior veneração, carinho e respeito e que ainda se conserva em toda a nossa família, e os seus amigos, que nunca deixaram esquecer a verdadeira amizade da «tertúlia» de que fazia parte — o Rodrigo Dias, Padre Roriz, os Amarais, os Abreus, Costas, Padre António Monteiro, os Freitas e outros — quiseram festejar o seu regresso com uns «Reis» na sua casa, na esquina do largo da Oliveira para a rua da Rainha.

Mandaram para casa dele um piano, na véspera, e toda a família lá esperava os reiseros com o interesse próprio de tal acontecimento.

A porta estava aberta a esperá-los, e entra um grupo por ali dentro, mascarado, e de rópia dirige-se logo para a sala e, sem mais aquelas, começa logo a função, cantando:

«Gi-pum, gi-pum, gi-pum
Tra-la-ré-lé-lé, (bis)
Quem faz as festas é ela
Quem nas paga é cá o Zé». (bis)

E depois um estafermo muito alto e escanifrado, que era o mandão do grupo, cantava em solo, o que apenas me lembra:

«O monumento Henriquino
Como vós bem no sabeis...».

E não me recordo de mais, senão de que este «Gi-pum» conseguiu impingir as cantigas à sombra do grupo do Padre Roriz, e lá se foi com cinco tostões que meu Tio lhe deu, e sempre foi conhecido por essa alcunha, mesmo quando foi polícia.

Depois então é que chegaram os reiseros esperados que, com uma tuna de que faziam parte os Abreus, e com o piano que já lá estava, começaram os «Reis» em quadras, alusões e chistes que só o Padre Roriz e aqueles alegres e fraternais amigos, no tempo da boa graça, conseguiram lançar sem melindres e na mais franca cordialidade.

Quem «deitava» as quadras era o Padre Roriz, quadras que por completo esqueci, e o coro cantava:

«Div'o Teixeira
Olé, olé
Cum'o Teixeira
Não há, não há».

E não havia, realmente, pelo menos para nós, seus sobrinhos.

Jugueiros — Felgueiras,
28 de Dezembro de 1955. (continua)

A. DE QUADROS FLORES.

Do inimigo e do amigo

(Continuação da 3.ª página)

se não compadece com a minha sensibilidade, mas isso, mais do que ódio é desgosto, qualquer coisa parecida com um choque anafilático ideal, sem proteínas nem anticorpos nem outros elementos materiais que os sábios médicos conhecem e eu ignoro. Trata-se de antipatia que é o prólogo do ódio, mas não o ódio propriamente dito, e sinto não poder demonstrar porque a antipatia é um fenómeno alérgico. Insisto, não quero mentir, que às vezes me aborreo, infelizmente demasiado facilmente, mas passa depressa e refugio-me no esquecimento que é sempre um bem quando não vai contra a gratidão porque esquecendo só aquilo de que não gostamos e nos aborreo, teremos tempo para amar e admirar aquilo que embeleza e enobrece a vida.

Sobre a amizade que me oferece, agradeço-lha com toda a alma, e até lhe direi que é uma probabilidade que me alegra, mas não posso aceitá-la, assim, imediatamente, sem que nos conheçamos mais e sem pensá-lo muito. Pela responsabilidade que me pode atingir já que sempre somos um pouco responsáveis da qualidade dos nossos amigos porque, com os nossos parentes nos encontramos já ao nascer ou depois, enquanto que os nossos amigos escolhemo-los nós. Torna-se necessário pois, antes de mais nada, estudar as qualidades e os gostos daquele que vai ser nosso amigo, atendo-nos ao bom latim de Salustiano o qual reza assim: *Idem velle atque idem nolle, ea denum firma amicitia est.* O que quer dizer: «Gostar das mesmas coisas e aborrecer as mesmas coisas é o que, no fundo, estabelece uma verdadeira amizade». Para gostar e aborrecer as mesmas coisas é preciso primeiro que os amigos tenham um temperamento senão igual (já que é impossível) pelo menos parecido e, além disso, salvo casos excepcionais de generosidade por parte de um e de humildade por parte do outro, que tenham a mesma capacidade económica e a mesma posição social. É triste, mas é assim mesmo. Só entre pessoas iguais pode haver verdadeira e indissolúvel amizade. O resto são formas diversas da prodigalidade e da gratidão. Há uma amizade que dá e não recebe; que protege, que se sente superior, é a amizade dos orgulhosos. Há outra amizade que se finge humilde, que

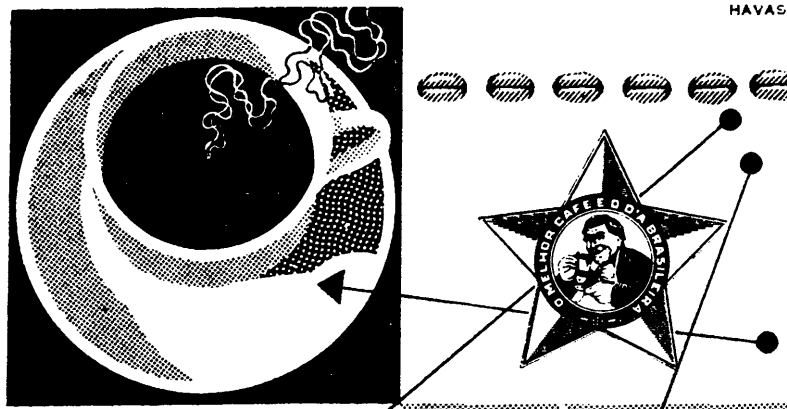
se sente protegida e inferior, que pede e não dá, é a amizade dos miseráveis. Nenhuma das duas é verdadeira. Os amigos de verdade constituem um recíproco refúgio, dão-se e pedem-se tudo o nada se negam, e tudo é possível apenas pela coincidência das suas simpatias. Por coincidência de gostos só uma mulher, que é o ácido mais dissolvente e mais doce da vida, poderia separar dois amigos; na ocasião menos amarga, por graça triste e generosa daquele que foge para não ambicionar o bem alheio e não atraí-lo.

Os verdadeiros amigos são aqueles que podem estar juntos e calados, porque não recebem o silêncio e não precisam de o preencher com palavras, pois sabem que nem no silêncio os seus pensamentos poderiam entrecrocá-los. Com isto não rejeito, de maneira nenhuma, a amizade que me oferece quem de generosamente lugar a esta esfarapada divagação. Sômente lhe peço que me dê tempo, porque o amigo seguro fá-lo o tempo; mas por isso mesmo vou buscar outro latim que, se a memória não me falha, vem no Eclesiástico e que reza assim: *Vinum novum amicus novus veterascet, et cum suavitate vibes illud.* Ou seja: «Que o amigo novo, como o vinho novo, envelhecerá e poderás bebê-lo suavemente». E, agora, para começar a nossa amizade, como diz Cícero, um conselho: «Ama os teus amigos, mas perdoo aos teus inimigos, porque assim te enobreces e os humilha, e como os humilha, não os perdes. Eles guardarão sempre, para dar-te na ocasião propícia, a oferta do seu rançor que porventura te enaltecerá mais.

«Deus te conserve os teus inimigos que são o teu orgulho, enquanto tu defendes os teus amigos que são o teu bem. Porque terás de defendê-los sempre, tendo em conta que a dedicação é a verdadeira verdade de teus amigos e como se a voz do inimigo acusa, o silêncio do amigo condena, tu não poderás calar nunca contra os teus amigos, invocando uma neutralidade ou uma imparcialidade que na amizade não existem, porque os teus amigos são o melhor de ti mesmo.»

Guimarães, Dezembro-1955.

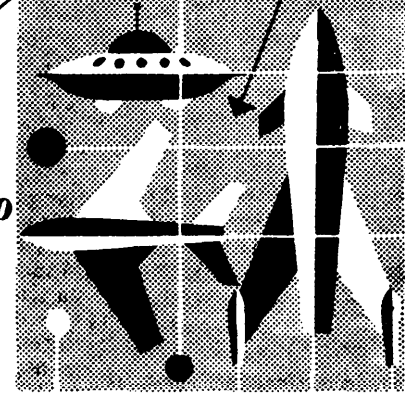
JOÃO GASPARI.



O CAFÉ A BEBIDA

DO NOSSO SÉCULO

Desde séculos que o café conquista, pouco a pouco, milhares de apreciadores. Hoje, bebê-lo é um acto quotidiano, que dá sabor e cor à vida trepidante e veloz do nosso tempo. É indispensável, porém, que seja um bom café, gostoso e aromático — Café autêntico da "Brasileira", que desde o princípio do Século, tem a preferência merecida dos conhecedores.



O MELHOR CAFÉ É O DE A BRASILEIRA

TELES & CIA, LDA.

RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 61-91, PORTO

ENVIA-SE PARA TODA A PARTE

CARTA DE VIZELA

Dr. Cerqueira Gomes

A Santa Casa da Misericórdia de Vizela registou com a maior satisfação a entrada para o seu corpo médico de mais um elemento de real valor, o especialista Dr. Cerqueira Gomes, de Braga.

Num ambiente verdadeiramente encantador como se verificou já com a chegada do Sr. Dr. Freitas Pereira, o Dr. Cerqueira Gomes foi recebido por toda a Mesa Administrativa com o seu Provedor Sr. Fonseca e Castro, Dr. Alfredo Pinto, Director Médico da Santa Casa, no passado dia 6 do corrente.

Em reunião especial para tal fim e na Sala de Sessões da Santa Casa, a Mesa Administrativa, constituída pelo Sr. Fonseca e Castro, João Pinto, Adelino Machado Leite, José Luís Almeida, Joaquim Ribeiro Ferreira, José Bastos e José Machado Oliveira Carvalho e pelos Drs. Alfredo Pinto de Sousa e Castro, Manuel António Bravo de Faria, João Vaz, Rómulo Esteves Campante e António Pinto, abriu a sessão para receber o seu novo colaborador.

Falou o Senhor Provedor que disse da satisfação que todos sentiam pela chegada do Sr. Dr. Cerqueira Gomes ao Hospital de Vizela, certeza de mais um ilustre e com-

petente médico a enfileirar no já distinto Corpo Clínico desta Santa Casa.

Seguidamente o Sr. Dr. Cerqueira Gomes saudou a Mesa e agradeceu aos seus colegas a honra que lhe davam de assistir à sua entrada na Santa Casa da Misericórdia de Vizela, a quem desejava as maiores prosperidades.

A assistência, disse ainda, precisa da união de todos os valores e com uma leal colaboração muito se pode elevar a campanha em que todos estamos empenhados para bem da humanidade que sofre.

Finalizando disse da sua satisfação por ser mais um a servir a Santa Casa de Vizela, que podia contar com ele para tudo que quisesse.

O Director Médico da Santa Casa da Misericórdia de Vizela, Sr. Dr. Alfredo Pinto, saudou o novo colega dentro da Santa Casa, velho amigo a quem oferecia a melhor colaboração e que muito esperava do Dr. Cerqueira Gomes a fim de elevar os serviços de assistência no nosso Hospital, a quem serve já há 30 anos com o melhor carinho.

Seguidamente o Sr. Dr. Rómulo Campante, usando da palavra, disse da satisfação que sentia com a chegada do Dr. Cerqueira Gomes e do muito que se podia fazer desde que

DE COVAS

(RETARDADO)

S. Vicente de Mascotelos (Santo Amaro) e S. Tiago de Candoso, são duas freguesias laboriosas dedicando parte da sua actividade à agricultura, mas principalmente à indústria. Mascotelos (Santo Amaro) começou o primeiro dia do ano com festa. Assim, no passado domingo,

lunbrante e... lindas raparigas que muito animam o jogo do Carnaval. Caro leitor: não perca a oportunidade, se o tempo o permitir, e este ano apareça no Santo Amaro — desde já o convidamos também a admirar a dois passos dali um atractivo turístico que é nada menos que um velho e corpulento carvalho, do centro do qual sai um eucalipto absolutamente perfeito, conforme o que reproduzimos em gravura.



Singular capricho da Natureza

É na verdade um curioso capricho da Natureza que merece ser examinado. E por que não?

Este curioso capricho encontra-se situado no pitoresco lugar de S. Vicente — numa propriedade pertencente ao Sr. Domingos Martins Leite.

Caminho indispensável em Urgezes

São várias as pessoas do bairro de Nossa Senhora de Fátima, dos lugares do Souto e Olival, que se nos dirigem a pedir a nossa inter-

venção junto da Junta de Freguesia, pois há muitos anos que aguardam a continuação do caminho que, seguindo do bairro de Nossa Senhora de Fátima servisse Souto, Olival e o bairro novo da Igreja e viesse convergir próximo da igreja paroquial, onde está o fontanário.

Dizem-nos que se servem por um simples carreiro, onde só podem passar peões, que neste tempo está intransitável, sem luz e onde junto fica uma poça — onde alguns já têm caído.

Atendendo ao alcance deste melhoramento, aguardam os interessados que aquela Junta o mande executar, satisfazendo tão antigos como justos anseios.

Com vista à Câmara

A Câmara Municipal resolveu canalizar a água até esta localidade, o que merece elogios.

O que não compreendemos é por que se abriram buracos e se furaram paredes de prédios em Covas e a canalização da água ainda não chegou até aqui...

Três notícias

No próximo domingo realiza-se a grande feira anual do Santo Amaro.

— Agora diz-se que as novas autotomotas começam a circular no próximo dia 15.

— É muito necessária a reparação da estrada que daqui segue para a Penha.

Passatempo

Qual é a cidade das mais abundantes em tabernas e onde não há um hotel? — C.

APRENDER ATÉ MORRER...

A propósito de um livro sobre o Minho

Eis o que Camilo Castelo Branco escreveu a D. António Costa sobre o seu precioso livro de descrição do Minho:

«Em testemunho da regada leitura que V. Ex.ª me deu com o seu *Minho*, lhe ofereço uma das novelas de cá. O Minho tem o romanesco da árvore e o romance da família. A paisagem sugeriu-lhe, meu caro poeta, as prosas floridas do ridente livro. O seu estilo tem a macia luz do luar das noites estivais, e o cadencioso murmúrio das ribeiras onde o céu estrelado se espelha.

O Minho lucra muito, visto assim de passagem, na imperial de uma diligência, lá muito no galarim do tejadilho, onde as moscas não se além a ferretar-nos a testa e a sevandijar-nos os beijos convulsos de lirismo.

Viu V. Ex.ª perfeitamente o Minho por fora; as verduras ondulando nas pradarias, os jorros de água espumando na espaldada dos outeiros, os frangidos às cavaleiras dos mi-lharais, a amendoeira a florear ao lado do pinheiral bravo, as ruínas do paço senhorial com os seus tapetes de ortigas e guadalmeçins de musgo ao pé da chaminé escarlate e verde do negreiro a golfar rolos turbinosos de

fumo, indicativo de panelas grandes e galinhas gordas, ladeadas de chouriços.

Simultaneamente, ouviu V. Ex.ª o som da buzina pastoril ressonando a sua longa toada nas gargantas da serra; viu os espantadiços rebanhos al-candorados nos espinhaços dos montes, e os rafeiros à ourela das estradas com os focinhos nas patas dianteiras, orelhas fitas e olhar arrogante. Reparou de certo na pachorra estoica do boi cevado, que parece estar contemplando em si mesmo a metempsicose em futuro cidadão de Londres, mediante o processo do bife. Tudo isto, que é a forma objectiva do Minho romântico, viu V. Ex.ª, afora o mais que aformoseia o seu livro, os encarescimentos, as lisonjas, as feitiçarias da arte com que V. Ex.ª disputa primores à Natureza.»

Grandezas de Portugal

Depois da emancipação das colónias britânicas na América, o centro de gravidade no harmónico sistema da civilização cristã deslocou-se do Velho Continente ao Novo Mundo. A civilização segue na sua larga trajectória o caminho do Ocidente. Principia na Ásia, onde as dominações e os impérios sobrepondo-se e vencendo-se avançam até chegar às fronteiras europeias. Da Ásia vem à Grécia. Da Grécia a Roma. De Roma às paragens mais ocidentais da Europa, à Ibéria, à Gália e à Britânia. Os

bárbaros são apenas um afluente ao rio caudaloso das civilizações antigas. A humanidade estanca quietamente e repousada até que principiam as ousadas navegações dos Portugueses, prefácio glorioso da nova cultura americana. Colombo é o corolário desta heróica premissa, que no largo raciocínio do progresso se chamou Henrique, o navegador. A nação mais ocidental cabia logicamente o papel de iniciadora. Prosseguindo na derrota do Ocidente, a civilização alcançou o continente americano e desentranhou-se ali em mil prodigiosas maravilhas. A América é a civilização capitalizada. E o péculio intelectual de milhares de gerações, acumulado nas terras onde a Natureza, pela sua inexcedível ousadia e formosura, é o digno, o esplêndido teatro do homem emancipado. A América juvenil, herdeira da velha Europa, deixa recolher a herança copiosa das ideias, sem aceitar o encargo das viciosas tradições.

(Continua)

José Maria Latino Coelho.

Portugal em 1580

Camões gemia a sua miséria, porventura a perda do seu escravo, que lhe esmolava o pão. Acabrunhado em uma pocilga, velho, pobre, só, irremediavelmente perdido, era a própria imagem da Pátria, a quem também uma a uma se tinham murchado sucessiva-

mente as flores cândidas da esperança. Natércia, essa visão de ideal pureza, de um carinho etéreo, fugira da terra batendo as asas; morrera, deixando-lhe a vida embalada como num sonho, em recordações de uma doçura infável. A Índia, essa outra amante que viera depois, da cor fulva do ouro, com um brilho seco de metais, e os braços duros, os scios fartos, o peito forte da acção e do combate, a Índia da sua ambição partira-se em hastilhas rijas, como os metais se partem, despedaçando-se numa ruína fria de chafinagem, de cobardia, de cobiça, «duma austeridade, apagada e vil tristeza». São, a pátria que sonhara enquanto andava pelas ruas da Babilónia, essa imagem carinhosamente bela, outra amante que nascia dos beijos de Natércia sobre a refulgente ruína do seu heroísmo, vira-a também, ao pôr pé no cais da Ribeira, feita uma necrópole varrida pela peste, com os maraus jogando a bola na rua Nova, verde de erva. Morrera também essa terceira amante!

E agora o seu derradeiro amor partia-se despedaçadamente num fuzilar de relâmpagos, entre os nevoeiros densos da areia ardente de Alcacer-Quibir. Rasgava desesperadamente as folhas soltas do seu poema, e, abraçado à última quimera, o céu, entoava o seu canto de cisne, invocando a última verdade, a morte:

Oh! quanto melhor é o supremo dia Da mansa morte que o do nascimento! Oh! quanto melhor é o só momento Que livra de anos tantos de agonia!

De alcançar outro bem cesse a porfia, Cesse todo aplicado pensamento De tudo quanto dá contentamento, Pois só contenta ao corpo a terra fria...

Dois anos de agonia, dois anos de silêncio e dor, dois anos como os passou Portugal, debatendo-se miseravelmente nas vascas do falecimento, dois anos mais — e ao mesmo tempo, em 1580, Portugal e Camões caíram na terra fria de uma sepultura. Expirando tinha o poeta sequer a amarga consolação de acabar com a Pátria. «Morro com ela», disse, e finou-se.

Oliveira Martins.

A peste em Milão

O medo e a desconfiança tinham fechado todas as portas. Se algumas estavam abertas, eram das casas vazias de moradores, ou invadidas pelos malfiteiros. Um bom número dessas portas estavam pregadas e seladas, porque nas casas a que davam acesso havia pessoas mortas ou atacadas de peste; outras estavam assinaladas com uma cruz a carvão, para indicar que ali havia mortos a retirar.

E tudo isto se fazia ao acaso. Não se via por toda a parte mais que lençóis sujos e rotos, palha infecta, roupa atirada pelas janelas, algumas vezes cadáveres de pessoas mortas ali mesmo na rua, e abandonados, esperando que passasse uma carroça para os

apanhar, ou corpos caídos das carroças, ou ainda atirados pelas janelas, como qualquer outra coisa desprezível e embaraçadora.

A persistência do flagelo e dos seus efeitos, cada vez mais terríveis, tinham levado as almas aos instintos mais selvagens, ao esquecimento de toda a solicitude e de tudo aquilo que o homem em sociedade ordinariamente respeita. Não se ouvia mais, em parte alguma, nem ruído de trabalho diário nem o rodar das carruagens, nem o grito dos vendedores, nem a algazarra das gentes pelas ruas; era muito raro que esse silêncio de morte fosse interrompido por qualquer outro rumor a não ser o dos carros fúnebres, das lamentações dos miseráveis, dos gemidos dos doentes, dos gritos dos alucinados e das ordens dos *monatti*. Pela manhã, ao meio-dia e à tarde, o sino da catedral dava o sinal para as preces que o arcebispo havia ordenado; a esse sinal outros sinos respondiam, e toda a gente acudia à janela para rezar em comum: era um murmúrio de vozes e de queixas, por onde transparecia, através da tristeza, um pouco de alívio, um ténue clarão de esperança.

Alexandre Manzoni.

A verdadeira lei do progresso moral é a caridade. — Camilo C. Branco.

Vida Rotária

Na reunião de 4.ª-feira de Rotary Clube de Guimarães, a que presidiu o sr. Dr. Alvaro Maranhão, o secretário sr. António Augusto de Almeida Ferreira Júnior, após a leitura do expediente saudou em termos calorosos o jornal «Notícias de Guimarães», que à causa rotária tem prestado apreciáveis serviços, por motivo da passagem do seu 24.º aniversário, que ocorreu naquele dia. Todos os presentes associaram-se àquela manifestação de simpatia, o que muito sensibilizou o director do jornal que, seguidamente, agradeceu aos seus dedicados companheiros tão expressiva prova de amizade.

No decorrer da mesma sessão foram tratados vários assuntos de interesse para o clube, resolvendo-se festejar o 8.º aniversário da fundação do mesmo no dia 17 do corrente.

Apresentaram algumas «actualidades» os srs. Albano M. Coelho de Lima, eng.º Helder Rocha e José Machado Teixeira. O sr. Antonino Dias de Castro também transmitiu o abraço do companheiro Sérgio Augusto Pinho Buaga, do Clube de Barra Mansa (Brasil), que visitara o clube vimaranense em 28 de Dezembro.

O presidente, após várias considerações sobre assuntos de interesse rotário, desejou a todos os companheiros as maiores felicidades no Novo Ano.

Campanha Nacional de Educação de Adultos

Prosseguindo no Plano de Educação popular, em tão feliz hora iniciado com superior visão e sentimento patriótico, pelo Ministério da Educação Nacional, têm sido realizadas visitas culturais a Cursos de Educação de Adultos neste concelho, mostrando-se as ovinetes devedoras interessadas com os programas apresentados.

Através das imagens visuais e auditivas, tem conseguido o Chefe das Missões Culturais no nosso Distrito, sr. prof. José Ferraz Teles de Menezes, levar os auditórios à nitida compreensão das vantagens inúmeras que os letrados têm sobre os analfabetos.

As projecções cinematográficas e os programas gravados são completados com a palavra sincera do Chefe das Missões, que em palestras de acentuado cunho patriótico tem conseguido fortalecer o gosto pelo estudo a bem do indivíduo e da sociedade a que pertence.

O 1.º Aniversário

Do meu afilhado António Aurélio Martins Ferra, pelo seu aniversário natalício em 29-12-1955, ofereço estes singelos versos e a seus bons pais.

Faz um ano este menino, E como ele é tão travesso... — Encanto do teu padrinho, Apesar de pequenino Com satisfação confesso Que lhe quero com carinho!

Um ano, meus parabéns. O meu lindo afilhado; Seja bom o teu destino! A minha bênção tu tens Pra que sejas bem fadado, Lindo e querido menino!

Todo o enlevo da mãe Vai p'rd' pequeno Antoninho Que a tem mortificado! Mil cuidados ela tem Pr'rd' seu querido filhinho: — Por Deus seja abençoado!

Porque sou o teu padrinho, Que te quis eu ofertar Nesta quadra do Natal? — E também és meu sobrinho. Um presente de agradar... A História de Portugal!

Quando já mais crescidinho, Um elegante rapaz, Cabelos loiros, rosado: — Obrigada, meu padrinho, Reconhecido dirás, Pelo presente ofertado!

Como não tens ainda idade P'ra o sapato colocar Em cima do teu fogão, Pai Natal veio à cidade, Mas nada te pode dar... — Dou-te esta recordação!

Natal de 1955. AURÉLIO MARTINS.

Sociedade Filarmónica Vimaranense

A Direcção desta colectividade de cultura musical, no intuito laudável de criar novos elementos musicais na nossa terra, vai iniciar um curso que poderá ser frequentado por todas as pessoas que se dedicarem ao estudo da música, curso esse que habilitará à admissão no Conservatório, o que é de grande vantagem. Em homenagem a um falecido professor e músico vimaranense foi dado o nome de Escola José

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 12, e não em 11 como por lapso noticiámos, o nosso prezado amigo sr. Abílio Ferreira de Oliveira, conceituado industrial em S. Martinho do Porto; hoje, dia 15, mademoiselle Maria Odete de Almeida Ribeiro, gentil filha do nosso querido amigo sr. José Torcato Ribeiro Júnior; no dia 17, os nossos prezados amigos srs. dr. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha e tenente Ernesto Moreira dos Santos e o nosso simpático amigo Armindo, filho do nosso bom amigo sr. Manuel Joaquim da Cunha Machado; no dia 18, os nossos muito prezados amigos srs. Francisco Machado e Adriano de Castro, do Pevidém, e a menina Maria de Oliveira, neta do nosso amigo sr. Alfredo da Costa e Silva; no dia 19, as srs. D. Custódia de Sousa Guise Campos, esposa do nosso bom amigo sr. tenente Alvaro Martins de Campos, e D. Maria dos Anjos de Freitas Teixeira Carneiro, esposa do nosso bom amigo sr. Bráulio Teixeira Carneiro, e mademoiselle Clotilde Cardoso do Vale; no dia 20, os nossos prezados amigos srs. António Cardoso Rodrigues, do Pevidém, e António Martins Ribeiro, de Bazar; no dia 21, os meninos Carlos Manuel Gonçalves de Castro Ferreira, filho do nosso bom amigo sr. Manuel de Castro Ferreira, e Alvaro Manuel, filho do nosso bom amigo sr. Alvaro de Jesus da Silva Martins, e a sr.ª D. Laura da Conceição Santos Oliveira, residente em Lisboa, esposa do nosso bom amigo sr. David dos Santos Oliveira; no dia 22, os nossos prezados amigos srs. P.º António Alexandre Ferreira de Melo, distinto professor em Viana do Castelo, e Sebastião de Freitas e a sr.ª D. Clotilde Felícia Camedir Leite da Cunha.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Reunião Familiar no Grémio do Comércio

Promovida por uma comissão de senhoras e cavalheiros, realizou-se, no domingo, no Grémio do Comércio, uma reunião dançante, que reuniu nos salões daquele Organismo numerosas famílias desta cidade e de outras localidades, tendo decorrido a festa, que se prologou até tarde, com grande animação. Agradecemos o convite que nos foi endereçado.

Nascimento e Baptizado

No dia 9 do corrente nasceu, na maternidade do Hospital de Guimarães, um filhinho do estimado negociante local e nosso bom amigo, sr. Júlio Fernandes Martins, e de sua esposa a sr.ª D. Maria Helena Marques Martins. A criancinha, que recebeu o nome de António Maria, já foi baptizada, sendo seus padrinhos o sr. António Fernandes Ribeiro e a sr.ª D. Benilde de Sousa Ribeiro.

Partidas e chegadas

Partiu para os Açores com alguma demora o nosso prezado amigo sr. Herculano José Fernandes. — Fixou residência em Coimbra o nosso estimado conterrâneo e ilustrado sacerdote rev. P.º Francisco Fernandes da Silva. — A fim de tratar da sua saúde, parte hoje para Lisboa o nosso prezado camarada e amigo sr. João de Deus Pereira. — Partiu para Lisboa o nosso prezado amigo sr. Conselheiro Dr. Raúl Alves da Cunha.

Doentes

Tem passado incomodado o nosso prezado amigo sr. Abel de Oliveira Bastos. Sua esposa, a sr.ª D. Elvira dos Anjos Freitas Oliveira Bastos, também se encontra doente, por motivo de ter dado uma queda que lhe originou uma fractura. — Também tem passado doente a sr.ª D. Maria da Conceição Teixeira Freitas. — Esteve bastante doente, já se encontrando melhor, o nosso bom amigo sr. Manuel de Oliveira Cosme. — Também esteve doente, encontrando-se já restabelecido, o nosso bom amigo sr. António de Sousa Lima. — Do Hospital de Santo Anónio,

Guise à Escola de aprendizagem e aperfeiçoamento que será iniciada em breve.

Os interessados poderão fazer a sua inscrição na casa Francisco Joaquim de Freitas e Gerardo, ao Taural.

SULFATO DE MAGNÉSIA CALCINADO "CHEMAG"
O mais indicado para a Indústria Têxtil
DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL:
SANTOS, MOUTA, LIMITADA
Praça do Município, 267-5.º — PORTO
CORRESPONDENTE:
DOMINGOS COSME VIEIRA
GUIMARAES

do Porto, onde foi operada com êxito, regressou a casa de seus pais, em franca convalescência, a sr.ª D. Maria de Lourdes Machado Pinheiro, filha do nosso bom amigo sr. Alberto Augusto Pinheiro. — Tem estado doente a sr.ª D. Rosa Pereira de Freitas Cosme. Desejamos sobreveio completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

Sufragando a alma da senhora D. Maria Fernanda Vilaça Loureiro Moreira

A Mesa da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha, muito grata por todos os benefícios prestados pela saudosa senhora D. Maria Fernanda Vilaça Moreira, ao Santuário Eucarístico da Penha, e que tão largamente contribuíram para o aumento e fervor do culto divino ali celebrado, mandou celebrar o Santo Sacrifício da Missa, por sua alma, no dia 12, às 10 horas, no referido Santuário. O acto teve a assistência da família dorida e de muitas pessoas de suas relações, estando também presente a Mesa Administrativa daquela Irmandade.

D. Josefa Delfina Pereira Ribeiro

Na sua residência, na Quinta das Aldeias, em Urgezes, finou-se, contando 79 anos, esta bondosa senhora, viúva, mãe dos srs. Avelino Mendes Ribeiro e José Mendes Ribeiro e das senhoras D. Alice de Jesus Mendes Ribeiro e D. Rosa Marinha Mendes Ribeiro Marques, sogra das senhoras D. Elisa Marques Ribeiro e D. Maria Luísa Teixeira de Amorim Ribeiro e do sr. Emídio Augusto Marques e avó das senhoras D. Maria José Amorim Mendes Ribeiro, D. Maria Fernanda Amorim Mendes Ribeiro, D. Maria Helena Amorim Mendes Ribeiro e D. Maria Manuela Mendes Ribeiro Marques e dos srs. Fernando de Sá Mendes Ribeiro, Jorge Alberto de Sá Mendes Ribeiro, Vlademiro Manuel Marques Mendes Ribeiro, Orlando Marques Mendes Ribeiro, Jorge Alberto Marques Mendes Ribeiro, José Amorim Mendes Ribeiro e José Augusto Mendes Ribeiro Marques. O seu funeral efectuou-se na 4.ª-feira, na Igreja Paroquial de Urgezes e o cadáver foi trasladado, em seguida, com numeroso acompanhamento, para o Cemitério da Atouguia. A toda a família dorida apresentamos sentidas condolências.

José Lino Gonçalves Caçador

Vitimado por uma síncope cardíaca finou-se inesperadamente, na quarta-feira, em casa de sua sogra sr.ª D. Amélia Rosa de Azevedo Machado, onde acidentalmente se encontrava, o sr. José Lino Gonçalves Caçador, proprietário, de Paredes de Coura, casado com a sr.ª D. Paula Pereira de Azevedo Machado Caçador, professora oficial naquela vila, cunhada da sr.ª dr.ª D. Hedwiges P. de Azevedo Machado e do sr. Octávio Pereira de Azevedo Machado, aspirante de Finanças em Amareis. O seu funeral, que esteve bastante concorrido, realizou-se anteontem, às 11 horas, no templo da Misericórdia, de onde o cadáver foi em seguida trasladado, e com numeroso acompanhamento, para o Cemitério Municipal. Os nossos pésames a toda a família dorida.

D. Antónia Maria Ribeiro de Abreu

Na sua residência na Casa da Pereira, freguesia de Santa Eulália de Fermentões, finou-se, confortada com todos os sacramentos, a sr.ª D. Antónia Maria Ribeiro de Abreu, viúva, de 90 anos de idade, mãe da sr.ª D. Rosa Ribeiro de Abreu Ferraz e do sr. António José Ribeiro de Abreu, e tia das srs.ª D. Ana Ribeiro Mendes e D. Maria Ribeiro Mendes e dos srs. Joaquim José Ribeiro de Abreu e João Ribeiro Dias. O seu funeral, que esteve muito concorrido, realizou-se anteontem naquela freguesia. Os nossos pésames à família dorida.

José Rodrigues

Na sua residência, no lugar da Portela, em Urgezes, faleceu, o sr. José Rodrigues, casado com a sr.ª D. Maria das Dores Saraiva Nascimento, e pai da sr.ª D. Maria das Dores Rodrigues Machado, casada com o sr. Miguel Machado, tendo-se efectuado ontem o seu funeral naquela freguesia.

João Gomes da Costa

Na sua Casa de Campos, em S. Paio de Vizela, faleceu, repentinamente, o proprietário sr. João Gomes da Costa, casado em 2.ª núpcias com a sr.ª D. Ana Simões Sampaio. O extinto era pai da sr.ª D. Albina Cardoso da Costa e dos srs. Modesto José e Gonçalo Cardoso da Costa; irmão do sr. Manuel Gomes da Costa, e sogro do sr. José Pereira da Silva, industrial em Gémeos, deste concelho. O seu funeral efectuou-se ontem na paroquial de Gémeos.

Vida Católica

Festividade ao Mártir S. Sebastião

Em conclusão das novenas solenes que estão a decorrer desde o dia 11, realiza-se no próximo dia 20, no templo de S. Dámaso e com grande esplendor, a festividade anual em honra do Mártir S. Sebastião, promovida pela respectiva irmandade dignamente presidida pelo sr. José Fernandes, e que constará do seguinte programa: Às 9 horas, Missa rezada e distribuição de 200 boroas de pão a igual número de pobres, em cumprimento de um legado; às 11 horas, Missa Solene; às 18 horas, Exposição do SS.º Sacramento, Sermão pelo ilustrado Prior de S. Sebastião, Rev. Dr. José de Jesus Ribeiro, Te-Deum e Bênção Eucarística. Da parte coral da festividade foi incumbido o Grupo de Santa Cecília e da decoração do templo os conceituados armadores srs. Eugénio & Novais. Durante o dia estará aberto o templo, conservando-se a Milagrosa Imagem, em seu andor, à veneração dos fiéis. E' Juíza da festividade a sr.ª D. Leonídia Martins Fernandes.

Festividade ao Menino Deus

Na ireguesia de Cerzedelo efectuou-se, no dia 1, uma luzida festividade em honra do Menino Deus, tendo havido Missa Solene e Sermão e Procissão, seguida de bazar de prendas, o qual prosseguirá hoje da parte de tarde.

S. Gonçalo

A Irmandade de S. Gonçalo, erecta na antiga Igreja de S. Domingos, manda celebrar, no próximo dia 19, pelas 8 horas, a missa estatutária em honra do seu Padroeiro e na Igreja da Misericórdia, servindo de Paroquial de S. Paio.

Reabre hoje ao culto a capela de Nossa Senhora da Ajuda

Tendo passado ultimamente por importantes obras de reconstrução, reabre hoje ao culto a Capela de Nossa Senhora da Ajuda, em S. Lázaro, sendo ali celebrada, às 10 horas, uma Missa Solene em acção de graças pelos benfeitores das obras realizadas.

S. Sebastião dos Milagres

Principia na próxima 6.ª-feira, dia 20, na Igreja Paroquial de S. Sebastião (Domingas), a novena que precede a festa solene em honra do seu Padroeiro, e que vai realizar-se, com todo o esplendor, no dia 29, conforme programa que será publicado no próximo número.

Diversas Notícias

Interesses da Lavoura

O Grémio da Lavoura de Guimarães está a proceder à entrega de batata-semente requisitada pe-

Francisco Joaquim de Freitas Pereira
Ex-Interno da Maternidade dos Hospitais da Universidade de Coimbra
MÉDICO ESPECIALISTA
PARTOS — DOENÇAS DOS RECEM-NASCIDOS
Médico Vacinador (B. C. G.)
ONDAS CURTAS
CONSULTÓRIO: L. 28 de Maio, 22-1.º Consultas:
RESIDÊNCIA: Av. Conde Margaride 2.º, 4.º e Sábado
TELEFONE 4550 das 15 às 20 horas

J. MONTENEGRO
INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS — ALTA E BAIXA TENSÃO
Largo 28 de Maio, 78-7.º — Tel. 4510
GUIMARAES

Novas Casas Teatro Jordão

do «Problema da Habitação»
No pretérito domingo foi solenemente inaugurada, com a presença do Presidente da próspera Cooperativa «O Problema da Habitação», sr. Joaquim Pereira da Silva e com a assistência de alguns sócios da mesma Cooperativa e de representantes da Imprensa, a casa que foi construída nesta cidade, na rua das Trinas, e fica pertencendo aos sócios sr. Arnaldo Alpoim da Silva Meneses e esposa, sr.ª D. Modesta de Sá Alpoim da Silva Meneses.

O acto revestiu a costuma solenidade, tendo o sr. Joaquim Pereira da Silva proferido breves palavras, através das quais saudou aqueles sócios e salientou a importância da Cooperativa a que preside. Foi feita em seguida uma visita às dependências da casa, que está realmente construída com toda a segurança e conforto, pelo que merecem uma referência especial tanto o autor do projecto, sr. Augusto de Aguiar, como os construtores srs. Irmãos Ribeiro, Ld.ª, desta cidade, que ali deixaram demonstrada a sua competência.

O sr. Arnaldo Alpoim de Meneses ofereceu, seguidamente, em sua casa, ao presidente da Cooperativa, a sua esposa, ao representante em Guimarães sr. Aníbal Dias Pereira, aos construtores e aos representantes da imprensa, um delicado almoço, que deu ensejo a trocaram-se alguns brindes. No mesmo dia, foram inauguradas em Pevidém e Vizela, novas casas para os associados da mesma Cooperativa, srs. Manuel Ferreira Salgado e José de Sousa Pinto, respectivamente. As cerimónias decorreram com a mesma solenidade e foram presididas também pelo sr. Pereira da Silva.

Os funcionários da filial do Banco Nacional Ultramarino, desta cidade, reuniram-se em festa de confraternização, que decorreu no meio da mais franca camaradagem e da maior alegria. Os confraternizantes enviaram telegramas de saudação aos srs. Carlos Brandão e Leandro Martins Ribeiro, este ausente no Ultramar, respectivamente, actual e antigo gerentes da referida filial.

CONFRATERNIZANDO

los seus associados para a presente campanha, pelo que devem dirigir-se àquele Organismo os interessados. O mesmo Grémio informa todos os seus associados, possuidores de carros de lavoura, de que têm de proceder à renovação das respectivas licenças durante o corrente mês de Janeiro. Devem, pois, os interessados dirigir-se ao referido Organismo, onde lhes serão prestados todos os esclarecimentos.

Use Gazcidla

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Dias Machado, à R. da Rainha, Telef. 40424.

Use Gazcidla

Propriedade com grande salão para negócio, e casa de habitação, assim como uma fourgonete e duas bicicletas motorizadas, com facilidades de pagamento. Falar na Drograria das Alminhas, de Arlindo de Sousa, em Lordeio — Guimarães.

Use Gazcidla
Propriedade com grande salão para negócio, e casa de habitação, assim como uma fourgonete e duas bicicletas motorizadas, com facilidades de pagamento. Falar na Drograria das Alminhas, de Arlindo de Sousa, em Lordeio — Guimarães.

Use Gazcidla
Propriedade com grande salão para negócio, e casa de habitação, assim como uma fourgonete e duas bicicletas motorizadas, com facilidades de pagamento. Falar na Drograria das Alminhas, de Arlindo de Sousa, em Lordeio — Guimarães.

Monte dos Vendavais
com Jorge Mistral e Irasema Dillan
O famoso padrão da literatura romântica universal.
(Espectáculo para maiores de 18 anos)

Retrato de Mulher
com Kathryn Grayson e Mero Griffin
A romântica e gloriosa história de Grace Moore e todas as alegres e inolvidáveis melodias.
(Espectáculo para maiores de 13 anos)

TURCO NAPOLITANO
com Tótó e Isa Barziza
(Espectáculo para maiores de 18 anos)

ESPIÃO INVISÍVEL
(Espectáculo para maiores de 18 anos)

Use Gazcidla
Brindes
O nosso estimado conterráneo sr. António José Ribeiro, Sucessores, da antiga e conceituada firma portuense Fernandes & Guimarães, Lid.ª, ofereceu-nos um jogo de carteiras para bolso, muito vistosas e de grande utilidade, e dignou-se endereçar-nos cumprimentos de Boas-Festas. Agradecemos. — Da Companhia de Seguros «A Mundial», e por intermédio do seu agente sr. José Teixeira, recebemos um Bloco-Agenda para o corrente ano. Agradecemos.

PNEUS
Recauchutagem e Rechagem
"LUSA"
Vulcanizadora de Coimbra
Fábrica de Manufacturas de Borracha.
Agência em Guimarães:
JOÃO SILVA MENDES
L. Navarro de Andrade, 12-A
Tel. 40444 PPC

Notícias de Guimarães n.º 1254 -- 15-1-1956

COMARCA DE GUIMARAES
Secretaria Judicial
ANÚNCIO
(1.ª publicação)

Faz-se público que pelo 1.º Juízo de Direito da comarca de Guimarães e 2.ª secção da respectiva Secretaria, nos autos de execução hipotecária ordinária que JOSE FRANCISCO RIBEIRO, casado, proprietário, do Largo Valentim Moreira de Sá, desta cidade, move contra ANTONIO DA SILVA e mulher MARIA DE JESUS, proprietários, do lugar de Matos, freguesia da Costa, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos ditos executados, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos na mesma execução. Guimarães, 4 de Janeiro de 1956.

O chefe da 2.ª secção,
Maurício da Ponte Machado.
Verifiquei.
O Juiz de Direito do 1.º Juízo, 45
Carlos Maria Afonso de Castro.

Use Gazcidla
Propriedade com grande salão para negócio, e casa de habitação, assim como uma fourgonete e duas bicicletas motorizadas, com facilidades de pagamento. Falar na Drograria das Alminhas, de Arlindo de Sousa, em Lordeio — Guimarães.

DESPORTO

A "MARATONA" DO FUTEBOL NACIONAL

Leixões, 0 — Vitória, 1

Os vimaranenses alcançaram o primeiro lugar, embora a par do Boavista

Caminhada verdadeiramente valorosa tem sido esta da equipa do Vitória. Depois dum começo do campeonato deveras mau a equipa vimaranense tem vindo, jogo após jogo, recuperando lugares, de tal modo que hoje se encontra no ponto mais alto da tabela da classificação. Não está só, pois o Boavista acompanha-o com o mesmo número de pontos, mas recordando que a diferença entre os dois clubes já foi grande, é de enaltecer, com todos os encómios, o feito dos vimaranenses. Todo o esforço despendido no alcance da situação que hoje disfruta é, na generalidade, fruto da sua orientação técnica. Já diversas vezes temos aqui mencionado o facto, mas parece-nos que agora, mais do que nunca, o mesmo é de ser referido. A onda de desespero inicial apareceu-nos agora substituída pelo espírito de optimismo, por isso é de exaltar o acontecimento com as palavras alegóricas que vimos escrevendo.

Fernando Vaz e todos os seus rapazes são dignos da consideração de todos os vitorianos e de todos os vimaranenses. O esforço comum que fizeram, vencendo a própria sorte, que inicialmente se lhes deparou adversa, conseguindo depois a consistência técnica que no presente estão demonstrando, é prova indiscutível de mérito e merecedora de se acalentarem as melhores esperanças quanto ao seu comportamento futuro.

E' evidente que toda a cautela é pouca. O futebol é um jogo e, portanto, susceptível de se ver contrariado no potencial dum equipa o seu valor intrínseco. Assim temos de continuar a desejar a melhor compreensão dos atletas pelo alcance dos bons resultados e o apoio permanente dos adeptos para ajudar, com o seu calor, a possibilidade-las.

Nesta hora eufórica em que se prevê mais próximo da confirmação o alcance daquela posição, que permita o regresso ao lugar onde saiu empurrado, por factos que transcendem a regularidade da luta desportiva, é consolador ver-se uma equipa bem apetrechada moral e tecnicamente de modo a possibilitar todas as ambições.

Obra valorosa, portanto, de Fernando Vaz, dos seus atletas e, vamos lá, dos Dirigentes do Clube!

O encontro de Matosinhos era fundamental para concretizar as possibilidades da equipa vimaranense. Vencido esse obstáculo, o futuro apresentava-se deveras mais fácil. A equipa do Vitória bem compreendeu essa situação e desenvolveu perfeitamente o seu plano de jogo, capaz de alcançar o resultado desejado. Na primeira parte afoita sobre a baliza do adversário e, no segundo tempo, cuidadosa na defesa, guardando com coragem a vantagem que soubera criar. Por isso todos os seus elementos contribuíram para o triunfo e se Ernesto ou Rosato foram os mais afoitos do ataque, a cortina de ferro, constituída por Virgílio, Silveira e Costa, pelo seu pundonor, esteve fundamentalmente na base do resultado. Uma referência ainda para Silva, um guarda-redes que é sem discussão um sustentáculo no conjunto do Vitória.

Mais que um golo se marcou no referido jogo. Porém o árbitro do encontro não os quis ver a todos — ou então o seu ângulo de visão nas circunstâncias foi diferente do da maior parte do público ou da crítica...

Ficha do jogo — Vitória: Silva, Virgílio e Costa; Cesário, Silveira e Bibellino; Rola, Lutero, Ernesto, Rosato e Benje. Leixões: Martin, Adão e Mesquita; Oliveira, Fragata e Barbosa; Romão, Correa, F. Barros, Artur e Pedro. Arbitrou Alvaro Rodrigues, de Coimbra.

O único golo foi marcado por Ernesto, 10 minutos depois de se iniciar o encontro.

Resultados gerais da jornada: Leixões, 0-Vitória, 1; Tirsense, 3-A. Vizeu, 1; Leões, 1-Gil Vicente, 0; Sanjoanense, 3-Boavista, 0; Espinho, 7-Peniche, 1; Vianense, 7-U. de Coimbra, 0, e Chaves, 0-Salgueiros, 1.

Joga-se hoje a 19.ª jornada, com os seguintes encontros: Vitória-Chaves; Boavista-Espinho; Peniche-Leixões; Salgueiros-Leões; Gil Vicente-Vianense; U. Coimbra-Tirsense, e A. Vizeu-Sanjoanense. O jogo da Amorosa é aparentemente fácil. E' de atender porém ao facto de em futebol os seus resultados serem sempre imprevisíveis.

Portanto todo o cuidado é pouco. Os jogadores devem estar compenetrados da contingência da luta e esforçarem-se, desde o início, pelo melhor resultado. Ao público compete uma grande função num encontro desta natureza — incitamento permanente, sem críticas que desnortem, constantemente acreditando nas possibilidades dum equipa que merece, pelas provas dadas, toda a confiança.

L. R.

Campeonato Regional de Juniores

Mais duas jornadas estão decorridas desta prova, terminada de afogadilho. Jogos aos domingos e ao meio das semanas, num galope verdadeiramente anti-desportivo, apressam o final dum competição que seria para esquecer, se na mesma não estivesse contida a demonstração de capacidade da equipa vimaranense do Desportivo Francisco de Holanda. Os escolares são já, neste momento, campeões regionais. A análise total da sua actuação na prova fica para depois, mas desde já merecem que enalteçamos o seu feito.

Assim no domingo passado jogaram-se os seguintes encontros: F. Holanda-Vitória, com resultado final de 6-0; S. C. Braga-Vianense, com 3-0 e F. C. Fafe-S. C. de Fafe, com 3-1, todos favoráveis às equipas que jogaram em casa. O jogo da Amorosa foi agradável de ver-se. O seu resultado final é exagerado, embora demonstre o poder realizador dos avançados do D. F. de Holanda, mas os vitorianos exibiram-se de molde a não merecer tão grande punição, fazendo mesmo um dos seus melhores jogos.

Na quinta-feira jogou, na Amorosa, o Vitória com o Sporting de Braga, vencendo os locais por 4-1, e em Fafe o D. F. de Holanda derrotou o Sporting daquela vila pelo resultado amplo de 8-1. Em Vizela, o Futebol C. Fafe venceu por falta de comparência dos locais. Os vimaranenses do Vitória voltaram a exibir-se bem, tendo merecido amplamente o triunfo obtido e os escolares, uma vez mais, em Fafe, demonstraram que são de facto a melhor equipa que anda na prova.

Hoje realiza-se mais uma jornada, jogando, na Amorosa, o D. F. Holanda com o Vizela, às 10 horas da manhã.

E' sempre com constrangimento que nos referimos à acção da Associação de Futebol de Braga. Lembramo-nos que preside à sua Direcção o sr. eng.º Luís Cruz e Silva, que tem a maior confiança de todos os clubes. Mas um homem, por si só, não pode de modo algum eliminar certas deficiências que, momento a momento, aparecem por negligência dos serviços de expediente.

Queremos hoje referir-nos ao facto de o Vitória ter sido derrotado, no jogo que disputou recentemente, na Amorosa, contra o F. C. Fafe, depois de ter vencido em campo por 2-1.

Historiemos... No jogo de Vizela, entre a equipa local e o Vitória, foi expulso um jogador vimaranense, mas o árbitro do encontro, no seu relatório, possivelmente com razão, indicou mau comportamento de mais outros dois jogadores do Vitória. Como estes não foram expulsos, não podiam saber os dirigentes do Clube que os mesmos estavam sujeitos a castigo. Ora, a secretaria da Associação, somente no próprio dia do jogo com o Futebol C. Fafe, é que comunicou, por telegrama recebido em Guimarães já a horas inconvenientes, o referido castigo.

Que culpa terá o Clube vimaranense, que contribui, jogo a jogo, com valiosa quantia para pagamento dos funcionários de secretaria da Associação, que estes, por manifesta negligência, não tivessem comunicado a tempo as referidas punições?

A Direcção da Associação antes de derrotar o clube vimaranense, por ter jogado com jogadores castigados, devia inquirir se os seus serviços foram suficientemente diligentes na comunicação das referidas penas. — E nós sabemos, pois os telegramas trazem neles bem expressas as datas e horas de emissão, que o Vitória não foi, de modo algum, culpado do sucedido...

— E já não nos queremos referir, também, ao facto de o Vitória ter estado dois jogos inibido de utilizar um jogador, que carecia

de despacho superior para actuar, por negligência dos mesmos serviços de expediente.

Já o dissemos anteriormente — o bom senso vai voltar à Associação Regional, e logo que tome posse tem que rever necessariamente o quadro de funcionários do Organismo...

Posto Médico do Vitória

Podem dar-se como concluídas as obras de instalação do novo Posto Médico do Vitória. Por isso estava prevista a sua inauguração para a semana que acabou. Mas como o proprietário do prédio onde está instalada a sede do Clube, o dedicado associado do Vitória, sr. Comendador Alberto Pimenta Machado, resolveu fazer obras no edifício, de modo a tornar condigna a entrada da sede com o empreendimento que a Direcção da colectividade levou a efeito, esta inauguração ficou adiada para o fim do mês corrente.

Conselho Geral do Vitória

Está marcada para amanhã, segunda-feira, pelas 21,30 horas, a posse dos membros do Conselho Geral do Vitória.

Um grupo de associados fez distribuir um convite, de modo que este acto tenha a presença do maior número possível de sócios, dado que este Orgão Consultivo do Clube é, pela sua função e pelas pessoas que o constituem, merecedor das atenções de todos os amigos do Vitória, para que com a sua ajuda se alcance, cada vez mais, para a colectividade, uma posição verdadeiramente gloriosa.

MUTUALISMO

Associação F. Familiar Operária Vimaranesa

Assinado pelo sr. Manuel Gomes de Oliveira, presidente cessante da Direcção desta Associação Mutualista, recebemos um penhorante officio de agradecimento por toda a colaboração prestada pelo nosso jornal no decorrer da gerência a que presidiu, no ano findo e desejando-lhe as maiores prosperidades. Registamos e agradecemos.

Associação Artística Vimaranesa

Foi-uo comunicado o resultado da eleição dos novos corpos gerentes da Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaranesa, segundo o qual estão eleitos:

Assembleia Geral — Presidente, Manuel Magalhães; 1.º secretário, Carlos Alberto Cardoso; 2.º secretário, João Pereira. Substitutos — Presidente, António Fernandes; 1.º secretário, João Salgado; 2.º secretário, Manuel Ferreira Mendes.

Direcção — Presidente, João Xavier de Carvalho; secretário, José da Costa Pacheco; tesoureiro, José Francisco Carneiro; vogais: Francisco José Ferreira, Alvaro da Cunha Sampaio, Alfredo Teixeira Videiros e António Custódio Gonçalves. Substitutos — Presidente, Emanuel Mesquita Vieira de Andrade; secretário, José Luís de Freitas; tesoureiro, Benjamim de Melo; vogais: Francisco Lemos Claro, António de Sousa Pinto, Manuel Alberto Teibão de Abreu e José Mendes.

Conselho Fiscal — Presidente, José Alves de Almeida Araújo; secretário, Benjamim de Castro Alves Ferreira; relator, José Mirrnda. Substitutos — Presidente, Carlos Pinto Leite; secretário, João de Oliveira Salgado; relator, Avelino Ferreira Meireles.

Agradecemos as saudações que nos foram enviadas.

Use Gazcidla

AVISO

Avizam-se todos os interessados que Maria da Luz de Castro, residente na rua de Camões, se encontra internada numa Casa de Saúde e abandona definitivamente o seu negócio de roupas usadas. Por isso a todos os que lhe entregaram artigos para vender se pede que compareçam nos dias 24 e 25 do corrente, para receberem os objectos que provarem pertencer-lhes.

Para tal fim devem dirigir-se ao Largo do Toural, n.º 62. A todo o tempo se procederá contra as pessoas que usem de má fé.

A Conferência de S. Vicente de Paulo (senhoras) S. Sebastião.

CALÇANDO DA SAPATARIA LUSO TERÁ A COMODIDADE EM SEUS PÉS.

Ofertas e Procuras

Prédio novo Aluga-se na rua dr. Alfredo Pimenta, com boas lojas, garagem e grande quintal. Tratar no Café Oriental. 591

Fábrica de Tecidos

Vende-se com 50 teares mecânicos e seus acessórios, assim como o prédio onde a mesma está instalada. Para informações, telefone número 4359. 27

Vende-se a Quinta do Passal, situada no lugar da Igreja, da freguesia de Gominhães.

As proprietárias Maria Rosa Gomes Ribeiro e Rosa Gomes Ribeiro, residentes na freguesia de Joane — Famalicao, aceitam ofertas. 30

REPRESENTAÇÕES

Para Moçambique, aceita firma idónea. Escrever para F. S. S. — Caixa Postal 1623 — Lourenço Marques. 35

Passam-se Quatro Teares, sendo 2 de 1,70, 1 de 1,80 e outro de 1,40 m. Um Caneleiro; uma Encarreteira; uma Urdideira e um Motor Eléctrico. Trata Manuel Fernandes, no Lugar da Ponte de Selho, Freguesia de S. Lourenço de Selho. 36

Quinta-Vende-se

De rendimento numa das freguesias mais populosas do concelho de Guimarães, muita água, matos, vinho, cereais e azeite. Ou cedem-se créditos hipotecários no montante de 600.000\$00 sobre valores superiores a 1.500.000\$. Informa, por favor, Rua de Santo António n.º 104 — Guimarães. 40

DEBUKADOR-REFINADOR de Tecidos

competente, precisa-se. Carta a este jornal, letra A. 42

Padaria de Milho — Precisa-se

Arrendada, de preferência, com habitação. Resposta à Redacção à letra A., indicando preço e local. 48

VENDEM-SE

2 talhões de terreno, óptimo para construções, entre Taipas e Guimarães, à face da estrada, com luz eléctrica. Tratar na IMPERIAL — Rua de Santo António, 32/34. Telef. 40157 — Guimarães. 47

Bilhar Livre BOM

ESTADO Preço 3.500\$00. Informa Rua de S. Dâmaso, 74 — Guimarães. 52

EMPREGADOS

— Com o 5.º ano do Liceu, precisam-se para fábrica de tecidos. Escusado responder quem não estiver nestas condições. Resposta para o Apartado 40 — Guimarães ou procurar informações na Rua de Santo António, 57-59 — Guimarães. 53

Na Rua de Santo António, a SAPATARIA LUSO com o melhor e maior sortido em calçado para Senhora, Homem e Criança, ao dispor de V. Ex.ª. 19

SOFRE DOS CALOS?

Não perca tempo e dinheiro com deslocações a outras terras para os tratar! Trate-os em Guimarães, no Largo Condessa do Juncal, 27-1.º. Telefone 40471. 17

FIBRA ARTIFICIAL



Agentes-Depositários

WANDSCHNEIDER & C.ª, L.ª

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. Est. 17 PORTO Comp. 21 404

Use Gazcidla

Para si e para seus filhos

Leite Higienizado

SUIL

AO ABRIGO DE FALSIFICAÇÕES

DA SÉRIE DE

1956

DA

TELEFUNKEN

PIONEIRA DA RÁDIO

JÁ CHEGOU A PORTUGAL

O MODELO POPULAR

CASA DAS NOVIDADES — GUIMARÃES

LAVRADORES

INDUSTRIAIS

PROPRIETÁRIOS

Reparem nos TUBOS GALVANIZADOS que se aplicam nas vossas instalações. Não os comprem de parede reduzida... Como somos os únicos importadores no Concelho, somos os únicos que podemos fazer bons preços.

A Competidora de Representações, L.ª

RUA DA RAINHA N.º 115 — TELEF. 4523

PHILIPS

GRUNDIG

AS DUAS MELHORES MARCAS DE RECEPTORES AO DISPOR DE V. S.ª

em A. Gouveia

Discos - Gira Discos - Aquecedores

Fogões - Máquinas de Costura, etc.

Av. Conde de Margaride — Stands 3 e 4

Rua de Paio Galvão — Stands 10 e 11

Telef. { 4294 — GUIMARÃES 40436

TEIXEIRA & FREITAS, L.ª

AGENTES DA

SACOR e CIDLA

LARGO DOS NAVARROS DE ANDRADE

TELEF. 4547

Use GAZCIDLA Use GAZCIDLA

Jerónimo Assunção Ferreira

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS DE QUALQUER GÉNERO

VENDA DE MATERIAL

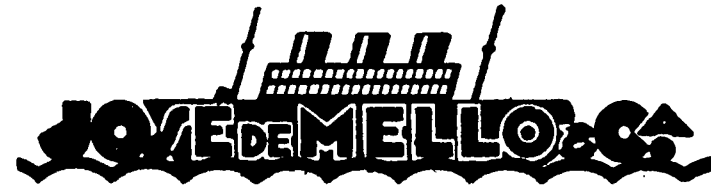
ORÇAMENTOS GRÁTIS

RUA DA RAINHA D. MARIA II — TEL. 4204 (favor) GUIMARÃES

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação.

Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



SUCESSORA

Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIO: Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO

Telefones: 21075 e 21074 — Est. 57

ARMAZÉM EM MATOSINHOS

Telef. Mat. 647